Artur de Azevedo

O Tribofe

Personagens que atravessam toda a peça

Frivolina
Juca
Quinota
Tríbofe
Fortunata
Eusébio
Ernestina
Gouveia
Benvinda

Personagens episódicos

A Liberdade
Bug-Jargal
Carmosina
Catelvecchio
O Tempo
Um Espectador
A Imprensa
Sotero
Dona Branca
Um Sujeito
Cazuza
Condor
Uma Senhora
Um Filantropo
A Varíola
Um Visitante
Baronesa de Z
Visconde de A
Uma Velha
Um Sportman
A Companhia Gargano
João Caetano
Viscondessa de Y
Outro Filantropo
A Legalidade
O Comendador
Uma Companhia
Vieira
A Companhia Maresca
Visconde de B
Outra Velha
Um Soldado da Polícia
A Companhia Lambiasi
Frei Satanás
A Febre Amarela
Um Banqueiro

Um Proprietário
Outro Visitante
Anacleto
Ambrósio
O Barão
Um Pastor
Desiré
Zé
O Delegado
Outro Sportman
Mota
Outro Gaspar
Visconde de C
Outro Zangão
Um Conquistador
Outro Gaspar
Visconti
Outro Zangão
Um Senhorio
Outro Gaspar
Pinheiro
Outro
O Secretário
Um Menino
Um Gaspar
O Câmbio
Um Maluco
Um Condutor de Bond
Barão de X

Visitantes do panorama do Rio de Janeiro, vítimas de uma agência de alugar casas, compradores e vendedores de títulos, pessoas do povo, os Estados, membros do *high-Iife*, soldados de polícia, amadores de corridas, admiradores do Visconti, praças do Batalhão Tiradentes, etc:

O TRIBOFE

ATO PRIMEIRO

QUADRO PRIMEIRO

O interior da rotunda em que se acha o panorama do Rio de Janeiro, na Praça 15 de Novembro. No centro, um duplo alçapão por onde os visitantes entram e saem. Um álbum, folhetos e binóculos. Cadeiras.

CENA PRIMEIRA

O Comendador, Eusébio, Dona Fortunata, Quinota, Benvinda, Juca, 1º visitante, 2º visitante, visitantes.

(Uns apreciam o panorama, outros conversam, outros escrevem as suas impressões no álbum dos visitantes. Cena muito animada.)

CORO

Oh! que belo panorama!
Que trabalho! que primor!
Ganhará dinheiro e fama
O senhor comendador!

Comendador

Venham ver uma obra-prima
Que louvores mil desperta!
Ninguém dela se aproxima
Sem ficar de boca aberta!

CORO

Vejam, vejam como é bela!
Desde França, está provado
Que defronte desta tela
Fica tudo estatelado!

Coro

Oh! que belo panorama!

etc.

Eusébio, à *família*. - *Ó*ia a ia das Cobra!

1° visitante. - Onde, senhor?

Eusébio, *apontando*. - Ali.

1° visitante. - Está enganado. Aquilo é a fortaleza de Villegaignon.

Quinota, *a Dona Fortunata*. - Olhe, mamãe, aquela rua é que era o quintal das freiras da Ajuda.

Juca, *choroso*. - Eu quero i me embora!

Dona Fortunata. - Espera, menino! Não começa a reiná!

Comendador, *a Eusébio*. - Queira escrever as suas impressões neste álbum. *(Dá-Ihe o álbum.)*

Eusébio. - Dê cá. *(Toma o álbum, senta-se e escreve.)*

2° visitante, *ao Comendador*. - Então? Está satisfeito?

Comendador. - Por ora não posso dizer nada. E o primeiro dia de exposição.

2° visitante. - A inauguração do seu panorama não podia ter lugar em dia mais apropriado: 1° de janeiro, a data do descobrimento desta bela terra, tão fielmente reproduzida pelo seu pincel.

Comendador. - Ora aí está uma frase que o senhor podia ter escrito naquele álbum.

2° visitante. - Já lá está.

Comendador. - Ah! bem! *(Caindo numa cadeira.)* Estou cansadíssimo... E já vão sendo horas de fechar... Não tive hoje descanso um minuto!... Só o trabalho de receber os convidados!

Eusébio, *erguendo-se com o álbum na mão*. - Aqui está o que escrevi. *(O comendador levanta-se.)* Puxei pelas idéia, mas não saiu grande coisa. *(Chamando.)* Dona Fortunata... Quinota... Juca... Benvinda... Venhum ouvi. *(A família cerca-o.)* Estão todos?

A família. - Estamos.

Eusébio, *lendo com ênfase*. - "Victor Meirelles, és de muita força!" *(Ficam todos* a *espera do resto.)* Então? Que mais esperam?

Quinota. - O resto.

Eusébio. - O resto? E só!...

Todos. - Ora!

Quinota. - Por tão pouco não valia a pena.

Comendador. - Naturalmente este senhor é homem de poucas palavras.

Eusébio. - Ah, quem me dera tê o talento deste visitante que escreveu: "Victor Meirelles fez-se por si; honra aos seus mestres!"

Comendador, *tomando-lhe o álbum*. A companhia é muito amável... mas já está escurecendo... são horas de fechar o panorama. *(Efetivamente tem escurecido. Muitos visitantes saíram durante o diálogo. Outros saem agora apouco e pouco. Alguns apertam a mão ao comendador.)*

Eusébio. - Eu fiquei por úrtimo, porque tenho que le dizê duas palavra.

Comendador. - Estou às suas ordens, mas é melhor lá embaixo.

Eusébio. - Não, sinhô. Há de sé aqui mesmo. Vosseoria não sabe quem eu sou, mas eu le digo.

COPLAS

I

Sinhô, eu sou fazendeiro
De São João do Sabará,
E venho ao Ri' de Janeiro
De coisas grave tratá.
Ora aqui está!
Ora aqui está!
Talvez leve um ano inteiro
Na Capitá Federá!

II

Apareceu um janota
Em S.João do Sabará;
Pediu a mão de Quinota,
E vei's' embora pra cá!
Ora aqui está!
Ora aqui está!
Hei de achá esse idiota
Na Capitá Federá!

Esta é minha muié. Dona Fortunata... Dona Fortunata. - Uma sua serva. *(Mesura.)*

Comendador. - Folgo de conhecê-la, minha senhora. E esta moça? é sua filha?

Eusébio. - Nossa.

Dona Fortunata. - Nome dela é Quinota... Joaquina... mas a gente chama ela de Quinota.

Quinota. - Cale-se, mamãe... O senhor não perguntou nada...

Eusébio. - Muito estruida... Teve três professô... Não parece moça da roça.

Comendador. - Sim?.

Eusébio. - Este é meu filho Juca... Tem cabeça, qué vê? Diz um verso, Juca!

Juca. - Ora, papai!

Dona Fortunata. - Diz um verso, menino! Não ouve, teu pai tá mandando?

Juca. - Ora, mamãe!

Quinota. - Diz o verso, Juca. Você parece tolo!

Juca. - Não digo!

Benvinda. - Nhô Juquinha, diga aquele de lá vem a lua saindo.

Juca. - Eu não sei verso!

Dona Fortunata. - Diz o verso, diabo! *(Dá-lhe um beliscão. Juca faz berreiro.)*

Eusébio, *tomando o filho e acariciando-o.* - Tá bom, tão bom, não chora! *(Ao comendador.)* Tá muito cheio de vontade... Ah! mas eu vou botá ele no colégio. Diz que o Gináso Nacioná é muito bom...

Comendador. - Dizem.

Eusébio, *a Juca.* - Então tu não qué dizê o verso?

Comendador. - Deixe-o. Dirá quando chegar à casa.

Eusébio. - A casa?! Ah! meu sinhô! isso é que há de sê difice! Nós não temo casa, e era justamente por isso que eu desejava falá a vosseoria.

Comendador. - Ora essa!

Eusébio. - Magine que nós cheguemo onte e procuremo cômados em todos os hoté. Nem um quarto desocupado! Quisemo alugá uma casa... Quá casa, seu compadre! No Rio de Janeiro não há uma casa pr'alugá!

Comendador, a *parte.* - Mas que tenho eu com isso?

Dona Fortunata. - Esta noute... Ai, meu Deus! uma pessoa pra quê está guardada neste mundo!

Comendador. - Que aconteceu?

Quinota. - Não contem!

Eusébio. - Passemo a noite dentro de um bonde, que estava na Rua do Riachuelo, c'as cortina arriada. Cada um de nós tomou conta de um banco.

Dona Fortunata. - A gente feito vagabundo!

Quinota. -Mamãe!... Que necessidade tem este senhor de saber...?

Comendador. - Mas, afinal, que desejam de mim?

Eusébio. - Eu le digo. Nós passemo inda agorinha por aqui e vimo este barracão.

Comendador. - Diga "pavilhão".

Eusébio. - Ué! Pavilhão não é bandeira?

Comendador. - Se não quiser dizer "pavilhão" diga "rotunda".

Eusébio. - Pois bem, passemo por esta rotunda, e proguntemo o que era. Nos disserum que era o panorama do Rio de Janeiro, e que só estava aberto de dia. Então me alembrei de vi falá a vosseoria pra me alugá durante a noite a... Cumo chama?

Dona Fortunata. - Catunda.

Quinota. - Rotunda.

Eusébio. - Ora ai está.

Comendador. - O senhor está doido! Aqui não há espaço!...

Eusébio. - Ora! pra quem foi obrigado a passá a noite num bonde c'a família!

Comendador. - Não há espaço nem ar. O senhor não vê como faz calor aqui?

Eusébio. - E verdade que estou suando em bica!

Comendador. E eu!

Dona Fortunata. - E eu!

Quinota. - E eu!

Juca. - E eu!

Benvinda. - E eu!

Comendador. - Se querem continuar a conversar, vamos lá para baixo. Aqui já está muito escuro!

Dona Fortunata. - E tudo isto por causa daquele Seu Gouveia! Ah! se eu apanho ele!...

Eusébio. - Ora! estava tão bão este cômado! Deste lado ficava eu e Dona Fortunata.

Dona Fortunata. - Não; se eu ficasse era ali do lado da barra, que deve ser mais fresco.

Eusébio. - Tá bão... A gente não havia de brigá... Aqui do lado da Tijuca ficava Quinota e Benvinda... E Juca ficava ali.

Comendador. - E podiam gabar-se de que todos os quartos tinham muito boa vista.

Benvinda. - Nhanhã, olhe um passarinho!

Quinota. - E verdade! um passarinho!

Dona Fortunata. - Parece de verdade!

Juca. - Eu quero o passarinho pra mim!

Eusébio. - Cala a boca, menino!

Juca, *chorando*. - Eu quero o passarinho!

Dona Fortunata. - Deixa está... eu te sapeco quando chegá em casa!

Eusébio. - Em casa! Então não é tão cedo que você sapeca ele!

Comendador. - Mas observo-lhes que já não enxergamos um palmo adiante do nariz! Vamos embora!

Eusébio. - Vamos! *(Vai descendo.)*

Comendador. - Não! Por aí é a entrada!

Dona Fortunata. - Ué! A gente não desce pra baixo pelo mesmo lugá por onde subiu pra cima?

Comendador. - Esperem! Eu vou adiante! Chi! está escuro que nem um prego! Deixem-me riscar um fósforo. *(Risca um fósforo e desce.)*

Eusébio. - Desça, Dona Fortunata. *(Dona Fortunata desce.)* Desce, Quinota. *(Quinota desce.)* Desce, Juca.

Juca, *chorando*. - Eu quero o passarinho!

Eusébio. - Ah! *(Empurra-o. Juca desce. Sá ficam em cena Benvinda e Eusébio. Ela vai descendo e ele dá-lhe um beijo.)*

Benvinda. - Ah! seu assanhado! *(Desce. Eusébio desce. A cena fica vazia. Obscuridade completa. Música na orquestra. A coluna central do panorama transforma-se num grande ramilhete, de onde sai Frivolina, iluminada por um foco de luz elétrica.)*

CENA II

Frivolina

COPLA

De Aristófanes sou neta:
Nasci na Grécia pagã;
Sagrou-me um grande poeta;
Sou graciosa e louçã.
Troquei a sátira eterna
Pela pilhéria moderna!
Tenho exercitada a perna
Nas delicias do cancã!

(Dança. Cessa a música, e extingue-se o foco de luz. Frivolina vem ao proscênio.) Os senhores querem saber quem sou? Pois não me conhecem? Sou Frivolina, a musa das revistas de ano...

Um espectador da platéia, *erguendo-se indignado.* - Ora muito obrigado! Frivolina! Um personagem velho!

Frivolina. - Como?

O espectador. - Frivolina já apareceu noutra revista, que se intitulava *Mercúrio...* E o nome ficou... Por sinal que o deram a um animal de corridas.

Frivolina. - Ora essa, meu caro senhor! Um dos autores do *Mercúrio* é o autor dO *Tribofe;* está, por conseguinte, no seu direito, servindo-se de um personagem que inventou.

O espectador. - E uma imperdoável falta de novidade. Quem não tem imaginação não se mete a escrever revistas.

Frivolina. - O senhor é um espectador impertinente!

O espectador. - Exerço o meu direito de crítica. Vejo que a peça não tem originalidade. Hão de ver! não tarda por aí um ator disfarçado em espectador, a falar da platéia, como em todas as revistas!

Frivolina. - Faz favor de não interromper o espetáculo?

O espectador. - Vou me embora! Não fico aqui nem mais um minuto! Não quero assistir à representação de uma revista que se parece com outra! Isto é fazenda velha com rótulo novo! Minhas senhoras, meus senhores, dêem uma lição a este autor... Façam como eu: retirem-se! Ah! ~ Não fico eu!... *(Sai.)*

Frivolina. - Vão lá livrar-se de um maluco destes! Onde estava eu? *(Ao ponto.)* Vamos! Diga!... Você fica parado a olhar para mim!

O ponto. - E que eu já me não lembra onde estávamos!

Frivolina. - Dê cá a peça. *(Toma a peça, percorre-a com os olhos, e restitui-a ao ponto, marcando com o dedo.)* Olhe... aqui! - Os senhores querem saber quem sou? Pois não me conhecem? Sou Frivolina, a musa das revistas de ano... Estamos em 1° de janeiro... E tempo de começar a revista de 1891... Por onde principiar? perguntei aos meus botões, e os meus botões me responderam: - Ora essa! inaugura-se hoje o panorama do Rio de Janeiro: ai tens tu o ponto de partida. Eis-me, pois, no panorama, à procura do compadre... Mas... poderei descobri-lo aqui? *(Olhando para fora.)* Não me engano... aquele vulto... E uma forma humana... Agora reparo... Um velho, um naturalista que examina cuidadosamente umas pedras... Chamemo-lo! Psiu! Oh! doutor! doutor!...

A voz de Tribofe. - Hein? É comigo?

Frivolina. - Sim, senhor. Faz favor de vir até cá?

A voz. Lá vou. *(Entra, saltando por cima da grade.)*

Frivolina. - Que fazia ali o senhor?

Tribofe. Estava examinando umas pedras encontradas aqui no Morro de Santo Antônio... Parece-me que descobri uma mina de ouro...

Frivolina. - Não é o primeiro que diz que há neste morro uma mina... Mas vejo que não me enganei; o senhor é um naturalista...

Tribofe. - Naturalista viajante... Não é por me gabar, mas olhe que sou um sábio como não os há muitos na Rússia.

Frivolina. - Ah! é russo? Nesse caso deve ter um nome acabado em off?

Tribofe. - Efetivamente. Chamo-me Triboff.

Frivolina. - Triboff? Com dous ff?

Tribofe. - Sim, senhora.

Frivolina. - Pois vai perder um.

Tribofe. - Um quê?

Frivolina. - Um f Vai perder um f e ganhar um *e*. O seu nome será Tribofe. T r; i, tri, *b, o, bo, f e, fe.*

Tribofe. - Ora essa! E por quê?

Frivolina. - Porque assim o quero. Deixarás de ser um sábio naturalista, e tomarás sucessivamente todas as fisionomias e personalidades do tribofe. Farás em minha companhia a revista de 1891.

Tribofe. - Mas... quem é a senhora?

Frivolina. - Frivolina, a musa das revistas de ano... Como uma fada, tenho a minha varinha de condão... Olha, vou fazer desaparecer essa guedelha e essas barbaças brancas. Quero-te jovem e lépido! Olha! *(Bate-lhe com a varinha. Desaparecem os cabelos brancos e as barbas de Tribofr.)*

Tribofe. - Aí está como acontece a um naturalista uma coisa que nada tem de natural!

Frivolina. - Estás pronto a acompanhar-me?

Tribofe. - Pronto! Mas que papel me reservas? Que vem a ser isso de tribofe?

Frivolina. -Ouve...

RONDÓ RECITADO

Sabichão que se estafe e se esbofe,
Desejoso de tudo saber,
O novíssimo termo tribofe
- Em nenhum dicionário há de ver.
Com gíria de *sport* aplicá-lo
Tenho visto, e somente indicar
A corrida em que perde o cavalo
Que por força devia ganhar;
Mas a tudo se aplica a palavra,
Pois em tudo o tribofe se vê;
Qual moléstia epidêmica lavra,
E não há quem remédio lhe dê.
Na política há muito tribofe,
Muito herói que não sente o que diz,
E o que quer é fazer regabofe,
Muito embora padeça o país.
Quem república ao povo promete
E, mostrando-se pouco sagaz,
No poder velhos áulicos mete,
Faz tribofe, outra coisa não faz.
Quem só fala do seu patriotismo,
E suspira por Dom Sebastião,
Faz tribofe, pois Sebastianismo
E tribofe sinônimos são.
O sujeito que muda de estado
E na noiva não acha o melhor,
Sofre um grande tribofe, coitado!
Eu não sei de tribofe maior!
Literato que assina e publica
Velhas coisas, mais velhas que a Sé,
Um tribofe horroroso pratica,
Outra coisa o tribofe não é.

No comércio, nas letras, nas artes,
Há tribofe, tribofe haverá,
Que o tribofe por todas as partes
E por todas as classes irá!
Mas nenhum sabichão que se esbofe,
Desejoso de tudo saber,
O novíssimo termo - tribofe
- Em nenhum dicionário há de ver.

Tribofe. - Mas, pelo que dizes, tribofe não é pessoa, é coisa...

Frivolina. - E coisa, que será personificada por ti, ou antes, por nós.

Tribofe. - Não deites mais na carta! Vamos!

Frivolina. - Vamos! (Dispõem-se a sair. Forte na orquestra. Mutação.)

QUADRO SEGUNDO

Corredor. Na parede uma mão pintada, apontando para a esquerda, e este letreiro: "Agência~de alugar casas. Preço de cada indicação, 5$OOO, pagos adiantados." Um banco. A cena só tem um plano.

CENA PRIMEIRA

Vítimas, *entrando furiosas da esquerda, depois* Mota e Vieira.

CORO DE VITIMAS

Que ladroeira!
Que maroteira!
Que bandalheira!
Pasmado estou!
Viu toda a gente
Que o tal agente
Cinicamente
Nos enganou!

(Saem desesperados pela direita.)

Mota, *entrando furioso da esquerda.* - Cinco mil-réis deitados fora! Cinco mil-réis roubados! Mas deixem estar que... *(Vai saindo e encontra-se com Vieira, que entra da direita.)*

Vieira. - Que é isso, Seu Mota? Vai furioso!...

Mota. - Se lhe parece que não tenho razão! Esta agência anuncia que indica onde há casas para alugar por cinco mil-réis...

Vieira. - Casas por cinco mil-réis? Barata feira!

Mota. - Perdão! Indica por cinco mil-réis...

Vieira, *sorrindo.* - Bem sei, e é isso justamente o que aqui me traz.

Mota. - Pois volte, Seu Vieira, volte, se não quer que lhe aconteça o mesmo que me sucedeu, e tem sucedido a muita gente.

Vieira. - Mas que foi?

Mota. - Indicaram-me uma casa no Morro do Pinto, com todas as acomodações que eu desejava... Você sabe o que é subir ao Morro do Pinto?

Vieira. - Não.

Mota. - Então não pode fazer uma idéia! Subo ao Morro do Pinto, e encontro a casa ocupada!

Vieira. - Oh!

Mota. - Volto aqui, faço ver que a indicação de nada me serviu, e peço que me restituam os meus ricos cinco mil-réis. Respondem-me que a agência não me restitui o cobre, porque não tem culpa de que a casa se tivesse alugado.

Vieira. - E não deram outra indicação?

Mota. - Deram. Cá está. *(Mostra um papelinho.)*

Vieira, *aparte*. - Vou aproveitá-la.

Mota. - Mas provavelmente vale tanto quanto a outra!

Vieira, *depois de lera indicação*. - Oh!...

Mota. - Que é?

Vieira. - Esta agora não é má! Rua dos Arcos nº 100! Indicaram a casa em que eu moro!

Mota. - Então? Quando lhe digo! Vamos embora! Não caia na asneira de lá subir!

Vieira. - Naturalmente. Este Rio de Janeiro está perdido!

CENA II

Mota, Vieira, uma senhora, *depois* um proprietário.

A senhora, *saindo da direita*. - Um desaforo! uma pouca vergonha! ...

Mota. - Foi também vítima, minha senhora? A senhora. - Roubaram-me cinco mil-réis! Vieira. - Também (justiça se lhes faça!) eles nunca roubam mais do que isso!

A senhora. - Indicaram-me uma casa, vou lá, e encontro um tipo que me pergunta se eu quero um quarto mobiliado! Vou queixar-me...

Mota. - Ao Bispo, minha senhora! queixemo-nos todos ao Bispo! *(O proprietário vai atravessando a cena da direita para a esquerda e cumprimenta as pessoas presentes.)*

Vieira, *embargando-lhe a passagem*. - Não vá lá! Não vá lá, - meu caro senhor!... Olhe que lhe roubam cinco mil-réis!

O proprietário. - Nada... eu não pretendo casa; o que eu quero é alugar a minha.

Mota, Vieira e a Senhora.- Ah! *(Cercam-no.)*

A senhora. - Talvez não seja preciso ir a agencia. Eu desejo uma casa.

Vieira. - E eu.

Mota. - E eu.

A senhora. - Onde é a sua?

O proprietário. - Se querem que eu indique, venham cinco mil-réis de cada um.

Os três. - Hem?

O proprietário. - Ora essa! Por que é que a agência há de cobrar e eu não?

Mota. - A agência paga imposto, e, apesar dos pesares, é um estabelecimento legalmente autorizado...

O proprietário. - Bem; como eu não sou um estabelecimento legalmente autorizado, dou a indicação por três mil-réis.

Mota. - Guarde-a.

Vieira. - Dispenso-a.

A senhora. - Aqui tem os três mil-réis. A necessidade é tanta, que me submeto a todas as patifarias!

O proprietário, *muito calmo*. - Patifaria é forte.... mas como a senhora paga...

A senhora. - Vamos!

O proprietário. - A minha casa é na Praia Formosa.

Mota e Vieira. - Que horror!

O proprietário. - E um sobrado com janelas de peitoril. Os baixos estão ocupados por um açougue...

A senhora. - Oh! deve haver muitos mosquitos!

O proprietário. - Mosquitos há em toda a parte. Sala, três quartos, sala de jantar, dispensa, cozinha, latrina na cozinha, água, gás, tanque para lavar e galinheiro.

A senhora. - Tem banheiro?

O proprietário. - Terá, se o inquilino o fizer. A casa foi pintada e forrada há dez anos; está muito suja. Aluguel, duzentos mil-réis por mês; pagamento adiantado e carta de fiança, passada por negociante matriculado; trezentos mil-réis de posse e contrato por cinco anos... O imposto predial e de pena-d'água é pago pelo inquilino.

A senhora. - Com os três mil-réis que me roubou, compre uma corda e enforque-se! *(Sai.)*

Mota, *enquanto ela passa*. - Muito bem respondido, minha senhora!

Vieira. - Com efeito! ...

O proprietário. - Mas os senhores...

Mota, *tirando um apito do bolso.* - Se diz mais uma palavra, apito!

O proprietário. - Ora vá se catar! *(Sai pela esquerda.)*

Vieira. - Que belo tipo de proprietário!

Mota. - E há muitos assim! Vamos embora, seu Vieira.

Vieira. - Vamos, Seu Mota. *(Vão saindo pela direita, e entra Eusêbio com a família; dão-lhes passagem)*

Mota. - Coitados! *(Saem.)*

CENA III

Eusébio, Dona Fortunata, Quinota, Juca, Benvinda.

Eusébio. - Entra! É aqui!

Dona Fortunata. - Deixe-me arrespirá um bocadinho... Virge Maria! Quanta escada!

Eusébio. - E ainda é no outro andá. Olhe! *(Lendo.)* "Agência de alugar casas. Preço de cada indicação, cinco mil-réis, pagos adiantados."

Dona Fortunata. - Já não posso mais com esta história de casa!

Quinota. - É um inferno!

Benvinda. - Uma desgraça memo!

Eusébio. - Ainda assim, levantemo as mão para o céu por ter encontrado aquele cômado num cortiço da Rua dos Inválio. Oh! mas desta vez tenho esperança de arranjá casa! Diz que esta agência é muito séria. Vamo.

Dona Fortunata. - Eu não subo mais escada. Espero aqui.

Eusébio. - Tudo fica. Eu vou e vorto. *(Vai sain*do.)

Juca, *chorando e batendo o pé.* - Eu quero i com papai! eu quero i com papai! ...

Dona Fortunata. - Pois vai, diabo!

Eusébio. - Vem, vem, não chora, dá cá a mão! *(Sai com o filho pela esquerda.)*

CENA IV

CENA IV Dona Fortunata, Quinota, Benvinda.

Quinota. - Mamãe, por que não se senta naquele banco?

Dona Fortunata - Ah! É verdade! Não tinha arreparado... Estou moída! *(Senta-se e fecha os olhos.)*

Benvida. - Sinhá vai dromi.

Quinota. - Deixa.

Benvinda. - Nhanhã arreparou naquele moço que seguiu a gente?

Quinota. - Olha mamãe. *(Dona Fortunata ressona.)*

Benvinda. - Já está dromindo. Nhanhã reparou?

Quinota. - Reparei, sim.

Benvinda. - Quando nós fumo naquela casa vê os quadro...

Quinota. - Sim, a Escola de Belas-Artes...

Benvinda. - Ele entrou também... Pilhou toda a família descuidada, vendo aquela guerra do quadro grande.. e me meteu esta carta na mão!

Quinota. - Uma carta! E tu ficaste com ela? Ah, Benvinda! *(Pausa.) É* para mim?

Benvinda. - Pois para quem havera de sê?

Quinota. - Dá cá. *(Vai abrira carta e arrepende-se.)* Que asneira ia eu fazendo!

DUETINO

Quinota

Eu gosto de Seu Gouveia;
Com ele espero casar;
O meu coração anseia
Pertinho dele pulsar...
Portanto, a epístola
Não posso abrir!
Sérios escrúpulos
Devo sentir!
Eu sou curiosa!
Não sei me conter!
A carta amorosa
Depressa vou ler!

Benvinda

Não há que dizer!
Aqui agora não vem...

Abra a carta, a carta leia...
Não digo nada a ninguém.

Quinota

Não! não! a epístola
Não posso abrir!
Sérios escrúpulos
Devo sentir!...
Entretanto é verdade
Que tenho tal ou qual curiosidade...
Mamãe, Benvinda,

Dormindo está?

(Dona Fortunata ressona)

Benvinda

Sim, e ela memo
Respondeu já.

Quinota

É feio!
Mas que importa? Abro e leio!

(Abre a carta.)

Quinota

Eu sou curiosa!
Não sei me conter!
A carta amorosa
Depressa vou ler!

Benvida

É bem curiosa
Não há que dizer!
A carta amorosa
Depressa vai ler!

Quinota, *lendo a carta.* - "Minha bela mulata?" ...

Ambas. -Ué!...

Quinota, *lendo.* - "Minha bela mulata. Há cinco dias te sigo por toda a parte, e há três noites rondo a estalagem da Rua dos Inválidos onde tu moras. Vejo que és mucama de

uma família do interior..." A carta é para ti. *(Da a carta a Benvinda. - À parte.)* Fui bem castigada.

Benvinda. - Leia pra eu ouvi, nhanhã.

Quinota. - "Se queres ter uma posição mais independente, e uma casa mais confortável..."

Benvinda. - Gentes!

Quinota. - "Estou às tuas ordens na Rua de Resende n.º 180. Nada te faltará. Procura pelo Figueiredo."

Benvinda, à *parte*. - Rua de Resende n? 180 *(Alto.)* Rasga essa carta, nhanhã! Veja que sem-vergonhice de home!... Quinota, *rasgando a carta*. - Se papai soubesse...

Benvinda, à *parte*. - Figueiredo...

CENA V

As mesmas, Eusébio e Juca.

Eusébio. - Já tenho uma indicação.

Dona Fortunata, *acordando*. - Ah! quase pego no sono! - Temos casa?

Eusébio. - Temos. Vamo à Praia Fermosa.

Dona Fortunata. - Ora graças!

Eusébio. - Diz que o logá é aprazive, a casa muito boa... e tem a vantage de está pru cima de um açougue, o que qué dizê que nunca fartará carne. Vamo!

Quinota. - É muito longe?

Eusébio. - É, mas tomemo o bonde ali na Rua Direita... Vamo!

Juca. - Eu quero i com Benvinda!

Dona Fortunata. - Bem! vai com Benvinda, vai! É preciso muita paciença para aturar este demônio deste menino! *(Saem todos.)*

Benvinda, *saindo por último com Juca pela mão*. -Figueiredo... Resende n.º 180...

CENA VI

Tribofe, Frivolina, *vestida de homem*, e o proprietário.

Frivolina. - Pode ir descansado, que a sua casa alugada.

Tribofe. - Mas olhe que o preço é muito exagerado...

O proprietário. - Exagerado! Duzentos e cinqüenta mil-réis! É de graça na época atual, creia que é de graça! *(Apertando-lhes a mão.)* Mas adeus! Adeus!... tenho ainda que ir arranjar mandado de despejo contra uma viúva, minha inquilina, que há três es não me paga o aluguel da casa. *(Sai.)*

CENA VII

Tribofe, Frivolina.

Tribofe, *num tom de desabafo.* - Sabes que mais? Renuncio a isto de agência de alugar casas!

Frivolina. - Por quê?

Tribofe. - Não é mau o negócio; é mesmo ótimo... Mas apanha-se muita descompostura... Chamaram-me hoje ladrão dezessete vezes!... Tive a pachorra de contá-las! O tribofe aqui é muito escandaloso. Eu preferia coisa em que não tivéssemos de especular com as necessidades públicas!

Frivolina. - Pois mudemos de profissão! Vamos para o Encilhamento! A febre das companhias ainda dura, e há muito que tribofar por esse lado.

Tribofe. - Isso é verdade! Nestes últimos dias sido lançadas umas vinte empresas, e todas dão ágio.

COPLA

Tivemos a "Frigorífica",
A ''Mineira Pastoril'',
E também a "Gordorífica
Industrial e Mercantil'',
"Manufatora de Lenha",
"Produtos de Papelão";
E muitas cuja resenha
Seria uma amolação.
Eu de ver já me não privo
Em letras grandes até:
"Companhia do Olho-Vivo,
Rói-a-Corda e Passa-o-Pé."

Frivolina. - Ao Encilhamento!

Tribofe. - Ao Encilhamento!

(Saem. Mutação.)

QUADRO TERCEIRO

Na Rua 1.º de Março. À esquerda parte do edifício da Bolsa e à direita parte do edifício do Correio.

CENA PRIMEIRA

Zangões, pessoas do povo, *depois* Companhias e Bancos, *depois* o Câmbio, *depois* Tribofe e Frivolina. *(Ao erguer o pano há grande movimento em cena. Os compradores e vendedores de títulos cruzam-se em todos os sentidos.)*

CORO

Que ajuntamento,
Que movimento
No Encilhamento
Se faz notar!
Toda esta gente
Quer de repente,
Rapidamente,
Cobre apanhar!

(Entrada de oito Companhias, acompanhadas por oito Bancos.)

As Companhias

Eis as novas Companhias,
Que vão dar um dinheirão!
Olhem pr'estas bizarrias!
Vejam só que perfeição!

Os Bancos

Eis aqui os novos Bancos,
Que vão dar um dinheirão!
Libras, *dollars*, marcos, francos
Vamos ter em profusão!

(Entra o Câmbio a dançar, e coloca-se no meio dos Bancos e Companhias.)

O Câmbio

Mim ser o Câmbia!
Bem alta estar..
Mas desconfia
Que vai baixar..

Uma Companhia

Deixa-te disso!
És bom rapaz,
E com certeza
Não baixaras
Ó companheiros,
Sem mais tardar

Em volta ao Câmbio
Toca a dançar!

Os Bancos e as Companhias, *dançando em redor do Câmbio.*

Eis aqui os novos Bancos, etc.
Eis as novas Companhias, etc.

Coro geral

Que ajuntamento! etc.

(Saem os Bancos, as Companhias e o Câmbio sempre a dançar. Continua o movimento no fundo do teatro. Entram Frivolina e Tribofe.)

Tribofe. - Isto é que é vida! Já realizei meia dúzia de legítimos tribofes! Agora mesmo comprei a prazo quinhentas ações da Companhia Construtora de Cortiços Higiênicos, e não sei onde vá buscar dinheiro para pagá-las.

Frivolina. - Vencido o prazo, ou as ações têm subido e pagas, ou têm baixado e róis a corda. Não serás o primeiro.

Tribofe. - Nem o segundo. Frivolina. - Nem o último!

CENA II

Tribofe, Frivolina, um Maluco, Figurantes.

Tribofe, *ao maluco, que vem ao seu encontro.* - Que deseja? Crédito Móvel? Iniciadoras? Sorocabanas? Industrial dos Estados? Chopim? Araxá? Paris e Rio? Rio e Estados? Melhoramentos do Rio de Janeiro? Melhoramentos da Gávea? Melhoramentos de Santa Teresa? Melhoramentos do Maranhão? Melhoramentos da Lagoa e Botafogo? Melhoramentos...

O Maluco, *pondo-lhe a mão na boca.* - Basta!

Frivolina. - Não quer papéis?

O Maluco. - Nada, não gosto. Desejo apenas que os senhores me indiquem onde e como posso falar ao Chefe de Polícia.

Tribofe. - É muito simples. O senhor faz um rolo, eu apito, vem uma praça, agarra-o, e leva-o a presença dele.

Frivolina. - Há um meio menos espetaculoso. E tomar ali mais adiante o bonde que passa na Rua do Lavradio, e dizer ao condutor que pare na porta da Polícia.

O Maluco. - Prefiro esse meio.

Tribofe. - Vai queixar-se de alguém?

O Maluco. - Não, senhor. O amigo não adivinha o que eu sou?

Tribofe. - Não.

O Maluco. - Nem o senhor?

Frivolina. - Nem eu.

O Maluco. - Reparem bem. Este olhar desvairado... este ar espantado... este todo desconfiado...

Tribofe. - E essas rimas em ado... E um poeta!

Frivolina. - Ou um idiota!

O Maluco. - Um idiota? Quase que adivinhou... mas sou alguma coisa mais. Reparem bem.

Frivolina. - Não há que ver: é maluco!

O Maluco. - A-q-u-i-qui! Adivinhou. *(Com orgulho.)* Eu sou maluco! *(Tribofe e Frivolina afastam-se.)* Oh! nada receiem... Sou um maluco manso... E tanto assim é, que venho em pessoa trazer ao chefe de polícia este oficio *(Mostra-o.)* do juiz municipal de Carangola, pedindo-lhe que me faça recolher ao Hospício.

Frivolina. - Sim, é manso, mas pode de repente ficar furioso!

O Maluco. - Se isso acontecer, o que não creio, cá trago uma camisola de força. *(Mostra um embrulho.)* Oh! eu sou um maluco de muito juízo!

Tribofe. - Bom! vá, vá ter com o chefe de polícia, vá! Mas, antes disso, se quiser um pouco de Chopim ou de Araxá...

O Maluco. - Está doido! Pois se eu lhe estou dizendo que sou um maluco de muito juízo! - Passem bem, meus senhores. Lá estou no Hospício às ordens. *(Sai.)*

Frivolina. - Coitado!

Tribofe. - Qual! aquilo é plano... Não achou casa para alugar, e quer ir morar no Hospício.

(Frivolina e Tribofe afastam-se para o fundo, apregoando os seus papéis, e desaparecem.)

CENA III

Gouveia, Ernestina, *depois* Pinheiro, Figurantes.

Gouveia, *entrando, a Ernestina, que o segue.* - Já te disse que não quero conversas aqui na praça... Tu me comprometes!... Il faut avoir *du jouise.*

Ernestina. -Je t'aime!

Gouveia. - Je sais que tu m'aimes, et moi aussi je t'aime... mais pas ici... Ici c'est pour les affaires!

Ernestina. - Eh bien! viens dîner aujourd'hui chez moi... chez ta p'tite Titine...

Gouveia. - J'irai.

Ernestina. - Si tu ne viens pas, j 'irai te chercher jusqu'au bout du monde!

Gouveia. - J'irai... attends-moi â cinq heures...

Ernestina. - Adieu, mon gros chien... ne me fais pas poser. *(Sai.)*

Gouveia, *consigo.* - Esta francesa é adorável... não choro uma boa dúzia de contos de réis que tenho gasto com ela... mas tem um grande defeito: é muito *collante...* Estas ligações têm os seus inconvenientes... Mas como acabar com isto?... Já me lembrei de dar um passeio a Minas, e voltar casado com aquela pobre Quinota, que tão queixosa deve estar de mim... Mas o casamento não será peior?... *(Saindo.)* É bem bonita a Quinota!

Pinheiro, *entrando e encontrando-se com Gouveia.* - Oh! Gouveia! Que é isto?! Que chiquismo! Farol no dedo!... Bravo!... Vejo que as coisas têm te corrido às mil maravilhas! ...

Gouveia, *meio frio.* - Ah! és tu, Pinheiro? Sim... dizes bem... Tenho ganho para aí uns cobres...

Pinheiro. - Este Encilhamento tem limpado a muita gente!

Gouveia. - Perdão, mas eu nunca fui sujo!

Pinheiro. - Sujo não digo... mas, vamos lá! já te conheci pau-de-laranjeira... Por sinal que...

Gouveia. - Por sinal que uma vez te pedi cinco mil-réis... Fazes bem em lembrar-me.

Pinheiro. - Eu não te lembrei coisa alguma.

Gouveia. - Aqui tens vinte: dou-te quinze de juros.

Pinheiro. - Vocês do Encilhamento têm a esmola fácil, bem sei... mas... que diabo! guarda o teu dinheiro, e não o dês a quem to não pede. Fico apenas com os cinco mil-réis que te emprestei com muita boa vontade e sem juros. Quando precisares deles, vem buscá-los. Cá ficam.

Gouveia. - Oh! não hei de precisar, graças a Deus!...

Pinheiro. - Homem, quem sabe! O mundo dá tantas voltas!

Gouveia. - Adeus! Vou subir a Rua do Ouvidor e tomar a minha caleça, que me espera no Largo de São Francisco.

Pinheiro. - A tua caleça? Pois tens caleça? Ora o Gouveia! Adeus, Gouveia! (À *parte.)* Está aqui, está visconde! *(Desaparece. Gouveia vai saindo, e encontra-se com Eusébio, que entra, acompanhado pela família.)*

CENA IV

Gouveia, Eusébio, Dona Fortunata, Quinota e Juca.

Eusébio. - Oh! Seu Gouveia!... *(Chamando.)* Dona Fortunata! Quinota!... *(Cercam todos o Gouveia.)*

As senhoras e Juca. - Oh! Seu Gouveia! *(Apertam-lhe a mão.)*

Eusébio. - Seu Gouveia! *(Abraça-o.)*

Gouveia, *atrapalhado.* - Senhor Eusébio... Minha senhora... Dona Quinota... *(À parte.)* Maldito encontro!

CANTO

Eusébio e a família
Seu Gouveia finalmente!
Seu Gouveia apareceu!
Seu Gouveia está presente!
Seu Gouveia não morreu!

Eusébio

Andei por todas as ruas,
Toda a cidade bati,
E de ter notícias suas
As esperança perdi!

Quinota

Mas ao meu anjo da guarda
Em sonhos dizer ouvi:
Sossega que ele não tarda
A aparecer por aí.

Todos

Seu Gouveia finalmente!
Seu Gouveia apareceu!
Seu Gouveia está presente!
Seu Gouveia não morreu!

Dona Fortunata. - Ora, Seu Gouveia! o sinhô chegou lá na fazenda feito cometa, e começou a namorá Quinota. Pediu ela em casamento, veio se embora dizendo que vinha tratá dos papé, e nunca mais deu siná de si... Isto se faz, Seu Gouveia?...

Quinota. - Mamãe...

Eusébio. - Como Quinota andava apaixonada, coitadinha! que não comia, nem bebia, nem dromia, nem nada, nós arresolvemo vi le procurá... porque le escrevi três carta que ficou sem resposta...

Gouveia. - Não recebi nenhuma.

Eusébio. - Então entreguei a fazenda a Seu Borge, que é home em que a gente pode confiá, e aqui estemo!

Dona Fortunata. - O sinhô sabe que com moça de família não se brinca... Se Seu Eusébio não soubé sê pai, aqui estou que hei de sabê sê mãe!

Quinota. - Mamãe... tenha calma... Seu Gouveia é um moço sério...

Gouveia. - Obrigado, Dona Quinota... Sou realmente um moço sério, e hei de justificar plenamente o meu silêncio. Espero ser perdoado.

Quinota. - Eu há muito tempo lhe perdoei.

Gouveia, à *parte*. - Está ainda mais bonita!

Eusébio. - O sinhô pode se gabá de me tê feito passá por boas! Tamo no Rio de Janeiro vai fazê dous mês, e ainda não temo casa!

Gouveia. - Não têm casa?!

Eusébio. - Não sinhô... Os hoté estão assim... *(Sinal de que os hotéis estão cheios.)*... e não há uma casa pra alugá... Uma agência me indicou um sobrado na Praia Fermosa, por cima de um açougue, mas o dono não quis alugá senão com contrato por cinco ano, ou então quinhento mi-rés por mês.

Gouveia. - E onde moram?

Dona Fortunata. - Não nos fale... Já moremo num bonde...

Quinota. - Mamãe!

Dona Fortunata. - Agora moremo numa estalage da Rua dos Inválio.

Eusébio. - Oh, mas desta vez conto c'a sua casa, Seu Gouveia.

Gouveia. - Um aposento de rapaz... E impossível! *(À parte.)* E a francesa?

Quinota. - Para quem já morou num bonde...

Gouveia. - Descansem: há de se arranjar casa. Mas, ao que vejo, veio toda a família?

Eusébio. - Toda!... Dona Fortunata... Quinota.. o Juquinha...

Juca. - A Benvinda...

Eusébio. - Ah! é verdade! nos aconteceu uma desgraça!

Dona Fortunata. - Uma grande desgraça!

Gouveia. - Que foi? Ah! já sei... o senhor foi vítima do "conto-do-vigário"?

Eusébio. - Não foi isso.

Juca. - Foi a Benvinda que fugiu.

Quinota. - Cala a boca!

Juca. - Fugiu c'um home!

Fusébio. - Cala a boca, menino!

Juca. - Foi mamãe que disse!

Dona Fortunata. - Cala a boca, diabo!

Eusébio. - O sinhô não se alembra da Benvinda?

Dona Fortunata. - Aquela mulatinha, cria da fazenda?

Gouveja. - Lembra-me.

Eusébio. - Um dia de menhã, a gente acorda... precura...

Dona Fortunata. - Quedê Benvinda?

Gouveja. - Pode ser que a encontrem.

Dona Fortunata. - Mas em que estado, Seu Gouveia?

Eusébio. - Antes ela tivesse casado com Seu Borge. .. Ele queria... Eu é que tirei da cabeça dele... Mas não fiquemo aqui... Temo muito que conversá, Seu Gouveja. Não quero que Dona Fortunata diga que eu não sei sê pai... Quero sabê se o sinhô está ou não está disposto a cumpri a sua palavra!

Gouveia. - Certamente. Se Dona Quinota ainda gosta de mim...

Quinota, *baixando os olhos.* - Eu gosto...

Gouveia. - Agora estou em melhor posição. Mas vamos! Em caminho conversaremos. São contos largos. *(À parte.)* Não passo pela Rua do Ouvidor com eles!

Eusébio. - Vamo jantá.

Couveia. - Ainda é cedo. Onde costumam jantar?

Eusébio. - Nós jantemo todos os dia num hotezinho da Rua da Lampadosa.[40]

Couveia. - Hoje havemos de jantar no Múnchen. Vamos tomar um carro. *(Dá o braço a Quinota.)*

Dona Fortunata, *querendo separá-los.- Mas....*

Eusébio. - Deixe... Isto aqui é moda. A senhora se alembre que não estamos em São João do Sabará.

Juca. - Eu quero i na boléia!

Dona Fortunata. - Principia! Principia! Que menino, minha Nossa Senhora!

Eusébio. - Tu vai mas é pra o colégio! Amenhã memo Seu Gouveia vai tratá disso.

Gouveia, *saindo.* - Ainda me amas, Quinota?

Quinota. - Eu gosto muito do senhor. *(Saem.)*

CENA V

Frivolina, Tribofe, Figurantes, *depois* Anacleto, *depois* Ambrósio.

Frivolina. - O dia não tem sido mau!

Tribofe. - Esplêndido! *(Vendo Anacleto, que passa chorando.)* Coitado! este com certeza saiu-se mal nalguma operação!

Anacleto. -Engana-se... Venho do Hospital de São Sebastiao...

Frivolina. - Do hospital? Nesse caso, a operação foi cirúrgica.

Anacleto. - Perdi um amigo... o meu melhor amigo...

Frivolina. - Dizem que esse hospital é uma espécie de inferno de Dante...

Tribofe. - "Lasciate ogni speranza, ó voi che entrate!

Anacleto. - Vim agora de lá... Imaginem como fiquei quando me disseram que o meu pobre amigo foi enterrado anteontem. (Nisto vê Ambrósio, que entra, vestido de soldado de Polícia, com uma farda que mal lhe serve e um boné que lhe fica no alto da cabeça. Anacleto solta um grande grito e põe-se a tremer.) Oh!...

Frivolina e Tribofe. - Que é?

Anacleto, *sem poder falar*. - E um espectro... um fantasma... a sombra do meu amigo... vestido de soldado! *(Recua e treme.)*

Tribofe. - Assentou praça no outro mundo!

Ambrósio. - Anacleto! *(Abre-lhe os braços.)*

Frivolina. - Não tenha medo, que o defunto está vivo!

Anacleto. - Ambrósio!... Tu não morreste?...

Ambrósio. - Pois me supunhas morto?

Anacleto. - Disseram-me hoje no hospital que tinhas sido enterrado anteontem.

Tribofe. - Você tem toda a certeza de que não morreu?

Ambrósio, *com energia*. - Toda! *(Outro tom.)* Quem morreu foi um soldado de Polícia. Enterraram-no com a minha roupa, e deixaram-me a dele.

Frivolina. - Por isso é que está tão curta!

Ambrósio. - Ainda bem que te encontro. Ia para casa mudar de roupa antes que me prendessem por andar fardado. Vamos! tenho que te contar muitas coisas do Hospital de São Sebastião.

Anacleto. - Este senhor acaba de me dizer que aquilo é um inferno de... Inferno de quê?

Frivolina. - De Dante.

Anacleto. - De Dante; é?

Ambrósio. - Inferno, isso é; se de Dante não sei, porque não conheço. Vamos. Meus senhores!

Tribofe. - Adeus! a terra lhe seja leve.

Frivolina. - Adeus, e parabéns.. *(Anacleto e Ambrósio saem.)* Ai está um homem feliz: foi ao Hospital do Caju, e voltou!

Tribofe. - Mas vê que dali o doente sai morto, mesmo quando escapa. E um túmulo... quero dizer: é um cúmulo! *(Frivolina e Tribofe afastam-se para o fundo. Música na orquestra. Entra da direita a Febre Amarela, com preparos de viagem.)*

CENA VI

Tribofe, Frivolina, *ao fundo*, a Febre Amarela, *depois* a Varíola.

A Febre Amarela. - O tempo está refrescando. E tempo de me pôr a panos. Vou me embora. *(Vai saindo; entra a Varíola, também com preparos de viagem.)* Oh! Varíola! chegas agora?...

A Varíola. - É verdade, Febre Amarela!

A Febre Amarela. - E eu parto.

A Varíola. - Venho substituir-te. *(Apertando-lhe a mão.)* Foste feliz?

A Febre Amarela. - Felicíssima.

A Varíola. - Que tal a Inspetoria de Higiene?

A Febre Amarela. - Boa.

A Varíola. - E a Intendência Municipal?

A Febre Amarela. - Ótima!

Varíola. - Ainda bem! Até a vista!

A Febre Amarela. - Sê feliz. *(Apertam-se as mãos, e saem, a Febre Amarela pela direita e a Varíola pela esquerda. Cessa a música.)*

CENA VII

Tribofe, Frivolina, a Liberdade.

(A Liberdade entra, e Tribofe, Frivolina e os figurantes descem com ela ao proscênio.)

A Liberdade. - Deixem-me respirar! Deixem-me respirar! Ah! como agora respiro ã vontade! Já não podia! Tantos meses de ditadura!... *(Respirando.)* Ah!...

Frivolina. - Quem é esta senhora que precisa tanto de ar?

Tribofe. - Não sei.

A Liberdade. - Eu sou a Liberdade!...

Todos. - A Liberdade!...

Tribofe. - Não admira que não a conhecêssemos. V. Exa vende-se tão caro!

A Liberdade. - Estou satisfeita! muito satisfeita! satisfeitíssima!...

Todos. - Por quê?

A Liberdade. - Acaba de ser promulgada a Constituição da República!

Todos. - Ah!

A Liberdade. - Agora, cumpre aos brasileiros respeitá-la e engrandecê-la! *(Aponta para o fundo. Música. Mutação.)*

QUADRO QUARTO

Apoteose à Constituição.

(Os personagens que estavam em cena afastam-se. Os Estados do Brasil, que apareceram com a apoteose, descem e formam posições plásticas em roda da Liberdade, que ocupa o centro da cena.)

ATO SEGUNDO

QUADRO QUINTO

No Largo de São Francisco de Paula.

CENA PRIMEIRA

Visconde de A., Visconde de B., Visconde de C., Barã$_0$ de X., Viscondessa de Y., Baronesa de Z., Membros do *Hzgh-Life*.

(Entram ruidosamente, trazendo cada um o seu diploma de cocheiro na mão.)

CORO

Pra evitar qualquer vexame
Da Intendência M'nicipal,
Fizemos todos o exame
O belo exame legal!
Aprovados fomos!
Um diploma temos!
Boleeiros somos!
Bolear podemos!
Clic! Clac!
Clic! Clac!

Visconde de A. - Não acha, baronesa? Se eu algum dia cair na miséria, tenho ao menos esta profissão.

Baronesa de Z. - Naturalmente, visconde. Visconde de B. - Uma boa patacoada o tal exame! Uma cerimônia *pro formula!* A mim não me examinaram nada!

Barão de X. - Deixe-os lá, visconde. Ao menos, temos agora o direito de pisar os transeuntes sem que se possa atribuir o desastre à nossa imperícia!

Visconde de B. - Isso não é comigo, barão, porque eu, antes de ser banqueiro, fui cocheiro de tilburi.

Barão de X. - Então por que não aproveitaste o diploma?

Visconde de B. - Sei lá que fim levou!

Viscondessa de Y, *ao Visconde de C.* - Visconde?

Visconde de C. - Viscondessa?

Viscondessa de Y. - Por que sua senhora, a viscondessa, não prestou também exame?

Visconde de C. - Porque não quero que se diga que minha mulher é uma cocheira.

Baronesa de Z. - Eu pouco me importa com os *calem bours.*

Viscondessa de Y. - E eu.

Visconde de A. Bom! vou tomar a minha virória.

Visconde de B. - E eu o meu landó.

Visconde de C. - Os nossos carros estão todos juntos. Agora sim; convenham que o Largo de São Francisco tem agora um só europeu.

Baronesa de Z. - Foi-se o jardim... foi-se a grade... e José Bonifácio ficou mais desafrontado.

Viscondessa de Y. - Vamos?

Todos. - Vamos! *(Repetem o coro e saem.)*

CENA II

Gouveia, Ernestina.

Gouveia. - Não, Ernestina, não! Decididamente é preciso acabar com isto!

Ernestina. Não te largo um momento!

Gouveia. - Deixa falar-te com o coração nas mãos; esse casamento será a minha salvação!

Ernestina. -- Não me fales em casamento, se não queres que eu tenha uma síncope!

Gouveia. - Os meus papéis baixaram todos de repente. Fiquei com as cartas na mão. Os recursos que eu possuía estão quase inteiramente esgotados. Bens de sacristão cantando vêm cantando vão!

COPLA

O bom tempo lá vai da fartura,
Pois não ganho dez réis hoje em dia!
Já vendi - Vê tu lá que amargura! -
O farol que no dedo trazia!
O destino pregou-me uma peça...
E segredo, mas vou revelá-lo:
Deitei ontem no prego a caleça,
Para dar de comer ao cavalo!

Ernestina. - Que me importa que estejas pobre? Não é o teu dinheiro que eu quero: é o teu amor!

Gouveia, à *parte*. - Pois sim!

Ernestina, *com lirismo*. - Vamos viver longe, muito longe daqui... Trabalharemos um para o outro!

Gouveia. - Eu conheço essa cantiga do teu amor e uma cabana - Filha, os tempos são positivos. Deixa-me tratar da vida, que a morte é certa... Tu pelo teu lado podes ser mais feliz com outro do que comigo...

Ernestina. - Outro?! Não! não quero outro!... Seguir-te-ei por toda a parte! Serei a tua sombra! Je t'aime! je t'aime!..

Gouveia. - Moi aussi, je t'aime; je te l'ai déjà dit un million defo is, mais... *(Olhando para o bast'idor.)* Misericórdia!... Eles! *(Foge.)*

Ernestina, *acompanhando-o*. - Tu ne m'échapperas pas! *(Sai correndo.)*

CENA III

Dona Fortunata, Eusébio, Quinota.

Dona Fortunata, *que é a primeira a aparecer*. -Olhe! Lá vai! E ele, é Seu Gouveia, com a mesma francesa com quem estava o outro dia no Eldorado, vendo a dança do ventre! *(Correndo e gritando.)* Seu Gouveia! Seu Gouveia!

Eusébio, *indo agarrá-la pela saia. Ó* senhora, não faça escândalo! Que maluquice de muié!

Quinota, *abraçando o pai*. - Papai, eu sou muito infeliz!

Eusébio. - Aqui está! é o que a senhora queria!

Dona Fortunata. - Aquilo é um desaforo que eu não posso admiti! O diabo do home é noivo de nossa filha, e anda por toda a parte c'uma pelintra!

Eusébio. - Que pelintra, que nada! Não acredita, filha da minha bença! é uma prima dele... Coitadinha!... Chorando!... *(Beija-lhe os olhos.)*

Quinota. - Eu gosto tanto daquele ingrato!

Eusébio. - Ele também gosta de ti... e há de casá contigo.

Dona Fortunata, *puxando Eusébio de parte.* - É preciso que você tome uma porvidência quaqué, Seu Eusébio... Senão, faço uma estralada!

Eusébio, *baixo.* - Fique descansada. Eu já sei onde mora essa francesa. Hoje memo, agora memo vou na casa dela. Vacês dua vão pra casa. Eu já vou.

Quinota. - Lá vamos para aquele forno!

Eusébio. - Tem paciença, Quinota. Enquanto não se acha casa, a gente deve se contentá c'aquele sote que Seu Gouveia arranjou... Aquilo sempre é mió que o cortiço.

Dona Fortunata. - Vamo, Quinota.

Quinota. - Não se demore, papai.

Eusébio. - Não. (Leva-as até o bastidor, e voltando, vê pelas costas Benvinda, que entra pelo primeiro plano muito bem trajada, mas com certa exageração ridícula.)

CENA IV

Eusébio, Benvinda.

Eusébio. - Olé! Que tentação! *(Seguindo Benvinda.)* Psiu! Ó dona!... Dona!... *(Benvinda volta-se.)* Benvinda!...

Benvinda. - Oh!... *(Assestando uma marquise.)* Viva! Como tem passado?...

Fusébio. - A mulata de luneta, minha Nossa Senhora!... Este mundo tá perdido!...

Benvinda, *dando-se ares e sibilando os ss.* - Deseja alguma coisa? Estou as suas ordes.

Fusébio. - Ah! ah! ah! que mulata prenóstica! Quem havera de dizê!... Vem cá, diabo, vem cá; me conta tua vida!...

Benvinda, *mudando de tom.* - Vancê não tá zangado comigo?

Eusébio. - Eu não! Tu era senhora de teu nariz e eu sou home casado... Dona Fortunata, essa é que não te predoa... Tu podia tê saído de casa se despedindo da gente.

Benvinda. - Vancês inda mora na estalage?

Eusébio. - Não. Nos mudemo para um sote arranjado por Seu Gouveia... Paguemo sessenta mi-rés por inês.

Benvinda. - Ah! Seu Gouveia sempre apareceu?

Eusébio. - Apareceu, e tá tudo combinado... mas o diabo é uma francesa bonita que eu tenho de precurá para vê se desempede o moço, indas memo que eu tenha de gastá alguma coisa.

Benvinda. - Sinhá? nhanhã? nhô Juquinha? tá tudo bom?

Eusébio. - Tudo tá bom. Juquinha entrou pro internato do Ginaso Nacioná. Diz que é o mió colégio do Rio de Janeiro. - E tu, mulata?

Benvinda. - Eu deixei Seu Figueiredo, porque era um home muito enjoado.

Eusébio. - Sei lá quem é Seu Figueiredo!

Benvinda. - Hoje tou morando no Hoté Provençaux.

Eusébio. - Eu sei; aquele no ponto dos bonde de Botafogo.

Benvinda. - Esse memo. *(Assestando a marquise.)* Se quisé aparecê, não faça cerimônia! *(Sai gingando.)* Au revoir!

Eusébio. - Ai, mulata!...

CENA V

Eusébio, *depois Juca,* Estudantes.

Eusébio, *que fica em cena a rir-se às gargalhadas, mas de repente se põe muito sério.* - Quem teve a curpa foi eu... Ela era inocente... Mas que querem?... São fraquezas humana!... Quando me alembra que Seu Borge queria casá co'ela... Antes tivesse casado... *(Bulha. Atravessa a cena um grupo de estudantes, e entre eles Juca.)*

Os estudantes. - Viva a liberdade! Viva! Fora o vice-reitor! Fora!

Eusébio. - Que é aquilo?! Oh! o Juca no meio daquele bando!... *(Vai buscar o filho pela orelha. Os outros estudantes saem, dando vivas.)*

Juca. - Ai! ai! ai!

Eusébio. - Então que é isto, maroto?

Juca. - Nós fizemo *grève!*

Eusébio. - *Grève!*

Juca. - Sim, sinhô, e demo uma vaia no vicereitô! Diz que o colégio vai ser fechado... Que bão!...

Eusébio. - Já pra casa!

Juca. - Não, sinhô, não deixo os meus companheiro! *(Saindo a correr e a gritar.)* Viva a liberdade!...

Eusébio. - Ah, tratante! Espera! *(Quer correr e muda de resolução.)* Quá! eu não pego ele! Deixa está, cachorro, que tua mãe te ensina! Que mania de *grève!* Até as criança! - A mulata, coitada, não me sai da cabeça! O que devo fazê é tratá de casá ela, ou co'Seu Borge ou co outro quarqué... Tenho um peso na consciença, porque fui eu que desencaminhei ela... Fraquezas humana.

CENA VI

Eusébio, Sotero.

Sotero, *que entra cantando, e acompanhando-se â viola.*

Eu sou feliz quando tenho
Uma fatia de pão,
Um copinho de cachaça
E uma viola na mão!

Eusébio. - Olé! um patrício! *(Toma-lhe a viola e canta.)*

Ó meu patrício, me diga...
Quem pregunta qué sabê...
Me diga donde é que veio,
Me diga quem é vacê.

Sotero. - Ah! é desafio? *(Tomando a viola e cantando.)*

Meu nome chama Sotero,
Venho de Minas Gerais;
Sou boiadeiro de fama,

Boiadeiro e nada mais.

Eusébio, *à parte.* - Não há que vê! Achei marido para a mulata! *(Toma a viola e canta.)*

Simpatizo com vacê,
Por isso quero lhe dá
Uma noiva bem bonita
Para vacê se casá!

Sotero, *toma a viola e canta.*

Diz uma velha cantiga,
Que eu aqui posso canta,
Que não há nada mais pió
Do que um home se casa.

Eusébio, *mesmo jogo de cena.*

Dou-lhe uma noiva bonita
E dou-lhe um conto de réis;
Se vacê topa, patrício,
Vamo tratá dos papé.

Sotero. - Home, isso é sério?

Eusébio. - Sério. Eu nunca minto, memo na viola.

Sotero. - Uma noiva bonita e um conto de rés?

Eusébio. - Sim, sinhô.

Sotero. - Quando a esmola é muita, o pobre desconfia.

(Eusébio vai responder na viola. Sotero toma-lhe o instrumento.) Não! Diga sem viola!

Eusébio. - Eu gosto de vacê, patrício... Simpatizo c'a sua fisionomia. Perciso casá a pequena. Se não quisé, paciença; se quisé, aqui tem duzento mi-rés por conta. *(Dá-lhe uma nota.)*

Sotero. - Vamo vê a fazenda.

Eusébio. - Agora não, porque tenho de i a um lugá com muita pressa. Mas logo, na boquinha da noite, me espere na Rua do Ouvidô, canto de Gonçarve Dia.

Sotero, *guardando a nota* - Tá dito!

Eusébio. - Então até logo, patrício!

Sotero. Até logo.

Eusébio. - Não farte! *(A parte.)* Vou à casa da francesa. *(Sai.)*

Sotero, *só, tirando a nota da algibeira e examinando-a.* - Duzento mi-rés! E a primeira vez que tenho tanto dinheiro junto! Oh! que vejo! uma cabeça de boi... com dous grandes chifres!... Um... Pra longe o agouro! Guardo o cobre e lá não vou! *(Cantando* à *viola.)*

Meu pai foi sempre sorteiro,
Meu avô sorteiro foi,
E eu também de boiadeiro
Não quero passar a boi...

(Sai.)

CENA VII

Tribofe, Frivolina, *vestidos ambos de pelotares do Fronton Fluminense.*

Tribofe. - Nova reforma do tribofe!

Frivolina. - O Fronton Fluminense!...

COPLA

Tribofe

Tantos, quinielas e pelotares!
Temos um vocabulário novo!

Frivolina

Entre os joguinhos mais populares,
Nenhum agrada tanto ao Zé Povo!

Ambos

No entanto, é bom
Muita cautela
Ter no jogar,
Pois no Fronton
Ganha a quiniela
Que quer ganhar!

Tribofe. - E verdade! Um joguinho esplêndido para o tribofe! com uma pelota chamba um delantero pode arranjar uma boa maquia! Não há receio de que o zagueiro faça uma boléia! Que jogão! Mas desconfio que a Polícia qualquer dia mete o bedelho na cancha, e acaba com tudo aquilo!

Frivolina - Pois que acabe! Não nos há de faltai cm que empregar a nova atividade!

Tribofe. - Viste a notícia daqueles quinze mil contos fantásticos? Que bom tribofe!...

CENA VIII

Tribofe, Frivolina, o ex-Secretário, *depois* o Barão e Zé.

O ex-Secretário, *atravessando a cena.* - Não quero mais ser secretário! *(Esbarra em Tribofe.)*

Tribofe. - Oh! o senhor não repara por onde anda?

O ex-Secretário. - Desculpe-me Estou cego... Cego de raiva!... Briguei com meu tio e deixei de ser...

Tribofe. - Seu sobrinho?

O ex-Secretário. - Não; seu secretário.

Tribofe. - Brigou por quê?... Isso em família é feio...

O ex-Secretário. - Briguei por causa do barão... Ele aí vem. Não quero encontrar-me com similhante criatura! *(Sai.)*

(Entra Zé, acompanhado pelo Barão.)

DUETINO

Zé

Sabe tudo!

Barão

Eu sei tudo!

Zé

Foi cascudo...

Barão

Fui cascudo...

Zé

Façanhudo!

Barão

Façanhudo!

Zé

É trombudo!

Barão

Sou trombudo!

Zé

Carrancudo!

Barão

Carrancudo!

Zé

Cabeçudo!

Barão

Cabeçudo!

Zé

Mas é coisa boa!...

Barão

Coisa muito boa!...

Zé

Não é tipo à-toa!

Barão

Não sou, não!

Zé

Tem uma coroa!

Barão

De barão!

(Bate num embrulho que traz na mão.)

Zé

Com esse ar sinistro...

Barão

Com este ar sinistro...

Zé

Vai ser bom ministro!

Barão

Vou ser bom ministro!

Ambos

Oh! que ministro!...
Pois que ao País
Só fará bem
Quem o nariz
Sabe onde tem,
A situação
Há de salvar
Hei de salvar!
Novo Catão
Se há de mostrar
Me hei de mostrar!

Frivolina, *ao Barão.* - Que leva aí o senhor com todo o cuidado? *(O Barão, em vez de responder, consulta Zé com o olhar.)*

Zé. - Querem ver? *(Ao Barão.)* Desembrulhe! *(O Barão obedece.)* É a sua coroa.

Barão. - É a minha coroa!

Zé. - Embrulhe. *(O Barão obedece.)* Ponha o embrulho debaixo do braço. *(O Barão obedece.)* Agora, dance um sapateado! *(O Barão obedece.)* Vêem?! Faz tudo quanto eu quero! *(O Barão continua a dançar.)* Basta! *(O Barão fica imóvel.)*

Frivolina. - Cáspite! E quem é o senhor?... *(Zé diz-lhe um segredo.)* Ah! *(Cumprimenta-o.)*

Tribofe. - Eu também quero saber! *(Ouve o segredo de Zé.)* Oh! *(Cumprimenta-o. Depois passa-lhe a mão pela cintura, e leva-o à parte.)* O senhor é que bem podia arranjar-me aí uma Metropolitana qualquer!

Frivolina, *com o mesmo jogo de cena.* - Eu queria uma concessão para demolir o Passeio Público e aproveitar o local para o estabelecimento de uma grande casa especial de kermesses.

Zé. - Depois falaremos.

Frivolina. - Não se esqueça de mim: eu sou o Naparra.

Tribofe. - Eu chamo-me Uranga, e tenho uma vantagem, que me há de abrir as portas da fortuna: não nasci neste país de burros!

Frivolina. - O que não impede que o façam deputado.

Tribofe, *ao Barão.* - Mas o cidadão, sendo agora republicano, por que não larga essa coroa? *(O Barão interroga Zé com o olhar.)*

Zé. - Pode responder.

Barão. - Não largo esta coroa porque sou muito honesto.

Frivolina. Que tem uma coisa com outra?

Zé. - Pois não perceberam? Ele chama-se Henrique e continua a ser barão porque, estando no governo, não quer Henrique ser.

Tribofe e Frivolina. Ah!

Zé. - Bom! Vá para a Rua Larga. Direitinho, hem?

Barão. - Sim senhor.

Zé. - Vá! *(O Barão sai; Zé acompanha-o com a vista.)* E eu vou ali para o Diário, onde os senhores me encontrarão às suas ordens. Adeus.

Frivolina e Tribofe. - Adeus! Não se esqueça de nós *(Zé sai.)*

Tribofe. - E se eu fundasse um jornal?

FrivoHna. - "O Tribofe"?

Tribofe. - Não; o título devia ser sério. "A Opinião Pública", "A Voz Pública"... Uma coisa assim!... O tribofe seria de portas adentro...

Frivolina. - Não é má idéia. *(Música na orquestra.)*

Tribofe. - Esta música... É ele, é o Câmbio... *(Vendo o Câmbio que entra.)* Chi! como tem baixado!

O Câmbio

Mim ser o Câmbia!
Bem alta estar,
Mas desconfia
Que vai baixar!

(Sai.)

Tribofe. - Olha, queres saber de uma coisa? Desconfio que aquilo é também uma espécie...

Frivolina. - De tribofe? Boa dúvida! Mas vê que são horas! Vamos ao Fronton!

Tribofe. - Vamos, e não nos esqueçamos de que o Tônio-Tônio vai ganhar a primeira quiniela! E preci50 comprar cem pules!

Frivolina. - Vamos! *(Saem. Mutação.)*

QUADRO SEXTO

Na Rua do Conde. Cena curta. O fundo é formado pelo paredão do Morro de Paula Matos e o Chafariz do Lagarto.

CENA PRIMEIRA

Pessoas do povo, crianças, duas velhas.

Coro

Caso jocoso,
Misterioso
Neste lugar
Se faz notar!
O dia todo
Dinheiro a rodo
Do paredão
Rola no chão!

(Caem algumas moedas. Todos se atiram a elas e lutam para apanhá-las, à exceção das duas velhas.)

1.ª velha. - Quem quiser que apanhe esse dinheiro! Eu não!

2.ª velha. - Nem eu! Credo!

1.ª velha. - Essas moedas são malditas! Ninguém me tira da cabeça que é a fortuna do Sujo que morreu há dias.

2.ª velha. - O Sujo?

1.ª velha. - Sim. aquele homem da Cidade-Nova, que era podre de rico e não gastava um vintém em esmolas. Andava em mangas de camisa, de tamancos, e só comia no frege-moscas!

2.ª velha. - Qual! não creia! gente assim não dá dinheiro nem mesmo depois de morta... E se ele não levou a fortuna consigo, como é que pode atirá-la lá de cima?

1.ª velha. - Não sei. O que sei é que essa é a opinião de muita gente.

2.ª. velha. - Talvez seja o espírita dO *País*...

1.ª velha. - Que espirita?

2.ª velha. - O tal que ganhou muito dinheiro, e anda a distribuí-lo pelos pobres.

1.ª velha. - Por falar em *País:* vou lá buscar dez mil~reizinhos. Tenho n.º 358. Vamos juntas?

2.ª velha. - Vamos. *(Saem as duas velhas.)*

CENA II

Pessoas do povo, crianças, Eusébio, *muito janota, de braço dado a* Ernestina.

Eusébio. - Aqui está o Chafariz do Largato. Está sastifeita, madama?

Ernestina. - De onde cai o dinheiro?

Eusébio. - Sei lá! isto não tem que vê! Que graça pode tê uns nicke caindo pelo paredão abaixo! - Oe, cá está um! *(Apanha um nickel e queima os dedos.)* Arre, que está quente!... *(Gargalhadas.)* Uê! parece memo saidinho das cardeira de Pedro Botelho! - Que viemo nós fazê aqui?

Ernestina. - Tu sabes que a curiosidade é o principal defeito das mulheres.

Eusébio. - Esse defeito não é nada ó pé de suas colidade.

Ernestina. - Tu m'aimes toujours?

Eusébio. - Já le disse que não me fale franciú se qué que lhe entenda! Eu só falo brasileiro!

Ernestina. - Gostas muito de mim?

Eusêbio - Se gosto! Isso é coisa que se pregunte! A prova está no que se passou. Vou em sua casa le pedi pra deixá Seu Gouveia sossegado, e quem fica pelo beicinho sou eu! Fui buscá lã e saí tosqueado!

Ernestina. - Estás arrependido?

Eusébio. - Eu arrependido não estou, porque a coisa não se pode dizê que não seje boa... Mas Dona Fortunata é que deve está furiosa! E então quando ela me vi assim todo janota, co'esta roupa de arfaiate francês, feito monsiú da Rua do Ouvidô!... Chi!... Ah! madama! as muié nasceu para tormento dos home!

Ernestina. - Tormento? Oh! non!

COPLAS

I

Meu caro amigo, esta vida
Sem a mulher nada val:
E sopa desenxavida,
Sem uma pedra de sal.
Se a dor torna um homem triste,
Tem ele cura, se quer;
A própria dor não resiste
Aos beijos duma mulher.
Vê que a voz me treme!
Oh! mon p'tit chéti!
Je t'aime! je t'aime!

Eusébio

Oui!

Ernestina

II

Ao lado meu, queridinho,
Serás ditoso e feliz;
Terás todo o meu carinho,
É o meu amor que to diz.
Se tu me amas como eu te amo,
Se respondes aos meus ais,
Nada mais de ti reclamo,
Não te peço nada mais!
Vê que a voz me treme! etc.

Eusébio. - Agora me diga, madama. Vacê está inteiramente curada de Seu Gouveia?

Ernestina. - Oh! foi um sonho que passou! Hoje só vivo de ti, por ti e para ti! A propósito: vamos à Rua do Ouvidor?

Eusébio. - Fazê o quê?

Ernestina. - Quero mostrar-te na vitrine do Luís de Resende o tal colar de que te falei.

Eusébio. - Quanto custa?

Ernestina. - Uma bagatela... um conto e oitocentos...

Eusébio. - E... é uma bagatela. (À *parte, enquanto Ernestina se afasta um pouco, examinando o paredão.)* Ela pensa que eu sou o Chafariz do Larga-**.0...** Gosta muito de mim, é verdade, mas em três dia já me custa perto de três conto... e agora o colá... Cuidado, Seu Eusébio!

Ernestina, *voltando.* - Vamos, meu amor?

Eusébio. - Vamo, madama! *(Vão saindo e encontram Tribofe e Frivolina que entram disfarçados em garotos.)*

Tribofe, *a Eusébio.* - "Meu amor", disse ela! Não acredites, ingênuo matuto! O amor naquela mulher é tribofe!

Eusébio. - Tribofe vá ele!

Ernestina. - Oh! sale espèce de voyou! *(Saem Eusébio e Ernestina.)*

CENA III

Tribofe, Frivolina, figurantes.

Tribofe. - Pobre patinho! não lhe há de ficar uma pena!

Frivolina. - Há de lhe ficar a pena de se ter deixado depenar. - Deixa-os lá, e examinemos este extraordinário caso do Chafariz do Lagarto.

Tribofe. - Já reparaste que os chafarizes têm dado que falar? O das Marrecas demolido.

Frivolina. - O da Carioca ameaçado..

Tribofe. - E este transformado em jardim de Danaé por uma chuva de ouro!

Frivolina. - De ouro é um modo de dizer... Nickel... cobre...

Tribofe. - O que não impede que aqui estejamos convenientemente disfarçados em garotos. Tudo serve. *(Rola dinheiro no paredão. Todos, inclusive Tribofe e Frivolina, se atiram às moedas, e lutam.)* Ora sebo! duzentos réis!...

Frivolina. - Uma pratinha de cinco tostões... Não valia a pena por tão pouco.

Uma criança. - Ontem caiu muito dinheiro... Hoje nem por isso!

Frivolina. - Mas que mistério será este?

CENA IV

Os mesmos, um conquistador, *depois* um pastor. O conquistador, *entrando descadeirado.* - Ai! ai! Ai!...

Tribofe. - Que é isso, ó amigo? Vem descadeirado?

O conquistador. - Pudera!

Frivolina. - De onde vem?

O conquistador. - Ali do... *(Gemendo)* - Ai!... morro!...

Frivolina. - Morre? Qual! não morre, não!

Tribofe. - Percebeste mal; diz ele que vem ali do morro. Naturalmente encontrou alguma alma do outro mundo!

O conquistador. - Não, senhor; encontrei um marido que me deu uma carga de pau, e ainda em cima me obrigou a passar re... *(Sentindo uma pontada.)* Sebo!

Tribofe. - Cibo, quer o senhor dizer...

O conquistador. - Sim, recibo... A dor é que me fez dizer sebo. Vou ali à bo... *(Com a dor.)* Safa!

Frivolina. - Vai à buçafa?

O conquistador. - Tica. Vou à botica. *(Sai.)*

Frivolina. - De hoje em diante este sujeito observará melhor o nono mandamento da lei de Deus.

Tribofe. - Ah! minha amiga! nesta boa terra os mandamentos da lei de Deus são como as posturas municipais... Ninguém os respeita!

Frivolina. - Então agora, com a Igreja separada do Estado!

O Pastor, *que tem entrado.* - Separada e muito bem separada! Foi uma grande medida política! Por isso jurei e juro que não volto ao júri apesar de ser jurado!

Tribofe. - Não volta? Por quê?

O Pastor. - Por causa do Cristo. Enquanto houver um Cristo no júri, lá não vou!

Frivolina. - Não quer encontrar-se com ele... Bom!

Tribofe. - Não o pode ver. Paciência!

O Pastor. - Que quer dizer um ídolo da religião católica num país onde todas as religiões são livres? Já fiz um requerimento ao juiz, pedindo-lhe que mande retirar o Cristo do júri, e vou escrever a propósito uma série de artigos que, reunidos, darão um volume de quinhentas páginas! *(Sai.)*

Frivolina. - Oh, Cristo! olha pra isto!

CENA V

Tribofe, Frivolina, figurantes, um condutor de bonde, *que não fala,* dous soldados de Polícia.

(Atravessa a cena, correndo, o condutor de bonde, perseguido pelos dous soldados.)

Tribofe. - Pega!

Frivolina. - É um condutor de bonde!

Tribofe. - Que faria ele? *(Segura um dos soldados.)* Ó camarada!

O soldado. - Deixe-me! Quero pegá-lo!

Tribofe. - Basta o seu companheiro. Que fez ele?

O soldado. - Falsificou nicolaus de duzentos réis. *(Sai apitando.)* Pega!

Tribofe. - Aí está um condutor de bonde que com certeza não se esquecia de dar trocos aos passageiros.

Frivolina. - Mas não me engano: é a Imprensa Fluminense que aí vem. *(Entra a Imprensa Fluminense.)* Bom dia, minha senhora, como tem passado?

Imprensa. - Bem, obrigada.

CENA VI

Tribofe, Frivolina, a Imprensa, figurantes, *depois* o Câmbio.

Tribofe. - Como a senhora está gorda!

Imprensa. - Que quer? Tudo tem aumentado.

Frivolina. - Inclusive o preço das folhas diárias, que passou agora a três vinténs.

Imprensa. - A exceção das folhas da tarde e dO *Tempo,* o meu filho mais novo. Este pensou, e pensou muito bem, que quem não pode com o tempo não inventa modas.

Tribofe. - Exceção também do *Jornal do Commercio,* que já se vendia a tostão.

Frivolina. - Devia subir a meia pataca, como antigamente.

Imprensa. - Nada! o *Jornal do Commercio* esforça-se por se parecer o menos possível com o que era. Americanizou-se!

Tribofe. - E que reportagem! Ainda o outro dia contou o que se tinha passado numa reunião secreta!

Imprensa. - A indiscrição é a primeira virtude de um jornal.

COPLA

Não mete uma lança n'África
Jornal que diz tão somente
O que sabe toda a gente,
Isso é que não!
É mister dizer ao público
O que o público não sabe;
O desempenho lhe cabe
Dessa missão.
De vez em quando até pode
Aos leitores noticiar
Casos que não se passaram,
Nem nunca se hão de passar!

Em compensação, o meu penúltimo filho, o *Jornal do Brazil,* faz o possível por se parecer com o antigo *Jornal do Commercio.*

Tribofe. - O que não impede que seja muito bem escrito

Frivolina. - Ah! eu não perco a secção "Dia a dia", feita por um jornalista de muito talento.

Imprensa. - E de muita constância. - Mas, afinal, que é isto de dinheiro no Chafariz do Lagarto?

Tribofe. - Algum filósofo... se não for algum doido... ou algum gaiato, que se diverte a atirar moedas lá de cima. Em todo o caso é um tipo que compra por cem ou duzentos mil-réis o prazer de ocupar a atenção pública durante três dias.

Frivolina. - É barato!

Imprensa. - Eu vinha ver se valia a pena explorar este caso... mas não me cheira...

Frivolina. - Amanhã já o povinho não se lembra de similhante extravagância. *(Música na orquestra.)*

Tnbofr. - Outra vez esta música!... É ele!...

Imprensa. - Quem?

Tribofe e Frivolina. - O Câmbio.

O Câmbio, *atravessando a cena.*

Mim ser o Câmbia,
Bem alta estar,
Mas desconfia
Que vai baixar...

(Sai.)

Frivolina. - Chi! como baixou!...

Imprensa. - E há de baixar! Não sei onde iremos ter! Adeus! *(Sai. Neste momento caem algumas moedas. Todos se precipitam sobre elas, mas entram algumas praças de Policia, e todos fogem. Mutação.)*

QUADRO SETIMO

No Derby Club. Ao fundo, em perspectiva, as arquibancadas atopetadas de gente.

CENA PRIMEIRA

1.º *sportman,* 2.º *sportman,* pessoas do povo.

Coro

O grande prêmio vai correr!
Todo este povo ansioso está
Por saber
Qual
O animal
Que ganhará! O felizardo quem será?...

1.º Sportman. - É agora o grande prêmio!

2.º Sportman. - É agora. O diabo é que parece que vai chover. Que tens? Estás manquejando?

1.º Sportman. - Ora deixa-me! Fui ontem a uma *soirée* na Rua do Mattoso... Estávamos dançando uma quadrilha, e, no melhor da festa, no meio de um *balancez,* afunda-se o soalho, e nós, os dançantes, fomos todos ao porão!

2.º Sportman. - Õh! diabo! a isso é que se pode chamar um *balancez* de maçadas!

1.º Sportman. - Que faz você agora?

2.º Sportman. - Matriculei-me na Faculdade Livre de Direito. Não quero perder a ocasião de ser bacharel sem sair do Rio de Janeiro. Não posso estar longe do Derby, do Jockey, do Turfe do Hipódromo!

1.º Sportman. - Mas para que quer você ser bacharel, você que não cuida senão no *sport?*

2.º Sportman. - Ah! meu amigo! nesta terra o homem é o pergaminho!

1.º Sportman. - Já se foi esse tempo. Quer um conselho? Faça-se militar. A época dos bacharéis acabou.

2.º Sportman. - É pena! agora que se criaram as Faculdades Livres... *(Afastam-se passeando.)*

CENA II

Gouveia, Dona Fortunata, Quinota, Juca, figurantes.

Gouveia. - Não está! Se estivesse, era nas arquibancadas.

Quinota. - Meu Deus! onde se meteria papai?

Dona Fortunata. - Tanto tempo sem pô o pé em casa! Eu bem não queria vi no Rio de Janeiro! Esta terra é a perdição dos home.

Gouveia, *rindo-se.* - E das muié também.

Quinota, *baixo.* - Seu Gouveia, não debique minha mãe!

Juca. - Eu quero me sentá!

Dona Fortunata. - Não me enfurece mais do que eu já estou, diabo! Olha que tu apanha aqui memo! -Vamo precurá Seu Euséhio!

Quinota. - Ah! mamãe, estou muito cansada. Vá vossemecê com Juquinha, que eu fico aqui com Seu Gouveia.

Gouveia, *à parte.* - Santa simplicidade!

Dona Fortunata. - Tá bom... Fiquem, que nós vamo dá uma vorta... Anda, menino!

Juca. - Eu quero me sentá!

Dona Fortunata.-- Sentá *onde?(Tomando-o pela mão.)* Anda! *(Afastam-se.)*

CENA III

Gouveia, Quinota, figurantes.

Quinota. - Como tudo isto é bonito! Que vida tão diversa da vida da roça! Entretanto, não quero viver aqui depois de casada

Gouveia. - Por quê?

Quinota. - A vida fluminense é cheia de sobressaltos para as verdadeiras mães de família. Olhe papai, um homem de quarenta e tantos anos, e que teve até agora tanto juízo... Respirou o ar desta terra e perdeu a cabeça...

Gouveia. - Apanhou o micróbio da pândega!

Quinota. - Aqui há muita liberdade e pouco escrúpulo... Faz-se ostentação do vício e das grandezas... como se faz ostentação da caridade. Uma senhora ouve dictérios e impertinências em toda a parte aonde vai. Não se respeita ninguém. Seu Gouveia, esta sociedade está muito mal constituída!

Gouveia. - Não a supunha tão observadora nem tão instruída.

Quinota. - Eu sou roceira, mas não tão tola que não veja o mal onde ele se acha. O senhor, por exemplo... o senhor, se pensa que me engana, engana-se. Simpatizo muito com a sua pessoa, e tenho cá dentro um sentimento casto e desinteressado que julgo ser amor. Mas... conheço muito bem os seus defeitos, Seu Gouveia...

Gouveia. Os meus defeitos?

Quinota. - Oh! são muitíssimos, e o menor deles não é querer aparentar uma fortuna que não existe. O jogo da Bolsa, que lhe tinha dado alguma coisa, tirou-lhe outra vez tudo.

Gouveia. - Perdão! restam-me quinhentas *debentures* da Geral. E um grande papel!...

Quinota. - Não creia em libras esterlinas compradas a dez tostões. Desagradam-me, confesso, esses visíveis esforços que o senhor faz para iludir os outros. O melhor partido que o senhor tem a tomar... e olhe que este é o conselho de sua noiva, isto é, da pessoa que mais o estima neste mundo... O melhor partido que o senhor tem a tomar é abrir-se com papai, e ir conosco para a fazenda, onde não lhe faltará ocupação. Papai precisa muito associar-se a um moço inteligente, nas suas condições. Sacrifique à sua tranqüilidade o Encilhamento, as caleças, os passeios, os hotéis, os teatros, os clubs e as mulheres fáceis; case-se, faça-se agricultor, e sua esposa, que não será exigente e

terá muito bom senso, todos os anos lhe dará licença para vir matar saudades daquilo a que o senhor chama o micróbio da pândega.

Gouveia. - Pois bem, aceito o seu conselho... mas quero esperar até o fim do ano. Tenho muita esperança nas *debentures* da Geral...

Quinota. - Daqui até lá tem que viver de expedientes, e é isso que me entristece.

(Voltam Dona Fortunata e Juca.)

Gouveia, a *parte*. - Sim, senhor! pregou-me uma lição de moral mesmo nas bochechas!

CENA IV

Os mesmos, Dona Fortunata, Juca.

Dona Fortunata. - Quá Seu Eusébio, quá nada!

Juca. - Eu quero me sentá!

Dona Fortunata. - Começa!

Gouveia. - Ele tem razão. Vamos para a arquibancada. Havemos de encontrar lugares. *(Saem.)*

CENA V

Benvinda, figurantes, *depois* um sujeito.

Benvinda. - Nhanhá... sinhá... e nhô Juquinha. Pra falá minha verdade, tenho sodades deles... Eu passava uma vida de tanto sossego!

O sujeito, *passando e acotovelando Benvinda*. - Adeus, fazenda!

Benvinda, *assestando a marquise*. - Vá passando o seu caminho e não bula c'a gente.

O sujeito. - Tão zangada, meu Deus!

Benvinda. - Que qué o senhô de mim?

O sujeito. - Pelo menos saber onde é que mora.

Benvinda. - Moro na rua das casa.

O sujeito. - Não seja má. Bem sei que é no Hotel Provençaux.

Benvinda. - Quem lhe disse?

O sujeito. - Ninguém. Fui eu que a vi na janela.

Benvinda. - Pois não vá lá que eu não lhe arrecebo.

O sujeito. - Por que não me arrecebe, malvada?

Benvinda. - Vou sê franca... Só arrecebo quem quisé me tirá desta vida. Não nasci pra isto... Quero vivê em família.

O sujeito. - Ah! coração! isso é que não pode ser! Hoje em dia não é possível viver em família!

Benvinda. - Por quê?

O sujeito. - Por quê? Ainda perguntas, amor?

COPLAS

I

Já não se encontra casa decente
Que custa apenas uns cem mil-réis,
E os senhorios constantemente
O preço aumentam dos aluguéis!
Anda o povinho muito inquieto
E tem, pudera! toda a razão...
Nem já se fala no tal projeto
Do nosso amigo Lopes Trovão!
Um cidadão nesta época
Não pode andar amarrado...
A gente vê-se... e até logo...
Vai cad'um para o seu lado!

II

Das algibeiras some-se o cobre
Como levado por um tufão,
Carne de vaca não come o pobre
E qualquer dia não come pão.
Fósforos, velas, couve, quiabos,
Vinho, aguardente, milho, feijão,
Frutas, conservas, cenouras, nabos...
Tudo se vende p'rum dinheirão!
Um cidadão nesta época
Não pode andar amarrado...
A gente vê-se... e até logo...
Vai cad'um para o seu lado!

Até o lixo, dona... Como se chama?

Benvinda. - Mercedes.

O sujeito. - É um bonito nome. - Até o lixo, Dona Mercedes! Nós dantes pagávamos dez tostões por mês a um homem que ia todos os dias buscá-lo à nossa casa. Agora somos

obrigados a pagar o que quiser cobrar uma companhia que se organizou... Pois é passar sem ela! Quem é pobre não tem lixo.

Benvinda. - Tenho sede. Venha pagá um copo de cerveja.

O sujeito. - Com muito gosto, mas da marca barbante, porque a estrangeira, que custava dez tostões, custa agora cinco patacas! *(Saem.)*

O Câmbio, *atravessando a cena da direita para a esquerda.*

Mim ser o Cãmbia,
Bem alta estar,
Mas desconfia
Que vai baixar...

(Sai.)

CENA VII

Tribofe, *depois* Frivolina, figurantes.

(Tribofe entra disfarçado em bookmaker, rodeado de compradores, vendendo pules, recebendo dinheiro de uns e outros.)

Tribofe. - Pois não! - Cá esta! - Aqui tem! - *(Vindo ao proscênio.)* Se dá um azar, azulo antes que me quebrem os ossos! Deus queira que não haja tribofe!

Frivolina, entrando vestida de jockey.

COPLAS

Mim estar um jockey superfine
Que aqui vem faz muita furor;
Mim ganha cem libre esterline,
Pois fica sempre vencedor!
Lá no Ingliterre estar famose,
E muito money mim ganhar,
No haver jockey mais ditose,
Mim dá bastante que falar!
Ouve dizer que brasileira
Tribofes mil gosta de faz...
Mim não se presta a bandalheira
Porque estar muito bom rapaz!

Coro

Que belo jockey!
Que rapagão!
O grande prêmio
Ganha, verão!

Tribofe. - O diabo é que parece que desta vez é o tempo que faz tribofe! Vai chover!...

Frivolina. - Mas há tempo para o grande prêmio. *(Baixo.)* Vendeste muito?

Tribofe. - Muito, e com todo o *sans façon*, como se não se tratasse de coisa proibida. Estou bem armado!

Frivolina. - Bravo! Vou montar! *(Sai, acompanhada por Tribofe).)*

CENA VIII

Eusébia, Ernestina, figurantes, depois Dona Fortunata, depois Quinota, depois Gouveia, depois Juca.

Eusébio. - Não; hoje, madama, você há de me deixá i pra casa. Dona Fortunata deve está furiosa!

Ernestina. - Pois bem, mas havemos de jantar no Daury.

Eusébio. - Oh, diabo! já chove! *(Abre o guarda-chuva.)* É um aguaceiro! *(Começa a chover muito.)* Vamo por aqui... Minha Nossa Senhora!... Dona Fortunata!... *(Foge pelo outro lado.)*

Ernestina, *correndo atras dele*. - Eusébio! Eusébio!

Dona Fortunata, *aparecendo*. - É ele! É ele! Com uma muié!... *(Corre atrás de Eusêbio.)*

Quinota, *aparecendo*. - Mamãe! mamãe! *(Corre atrás de Dona Fortunata.)*

Gouveia, *aparecendo*. - Minhas senhoras! minhas senhoras!... *(Corre.)*

Juca, *aparecendo a chorar*. - Mamãe! Quinota!... *(Corre.)*

QUADRO OITAVO

Chuva torrencial. Desfilada de gente a pé, a cavalo e de carruagem. Muito movimento.

ATO TERCEIRO

QUADRO NONO

A pequena praça em frente à Escola de Belas-Artes. Ao centro, a estátua de João Caetano.

CENA PRIMEIRA

Tribofe, Frivolina, a estátua.

Tribofe, *entrando*. - Aonde me trazes?

Frivolina. - Para junto da estátua de João Caetano, inaugurada graças aos esforços do Vasques.

Tribofe. - Do Vasques? Conheço. Dizem que me pareço muito com ele.

Frivolina. - É aqui que vamos passar em revista os acontecimentos teatrais do ano.

A estátua. - E não imaginam o prazer que me dão com isso!

Tribofe, *recuando assustado.* - A estátua fala!...

Frivolina. - E um dos efeitos do meu poder de fada!

A estátua. - Desde 1863 não sei o que se passa nos nossos teatros.

Tribofe. - Parece-me que o melhor é continuar a não saber: vai ter muitas decepções...

Frivolina. - Desça do seu pedestal! Cá embaixo estará mais à vontade.

A estátua. - Ora essa! esqueces-te de que eu sou de bronze?

Frivolina. - Tem razão, mas tudo se arranja. *(Agita a sua varinha. Forte na orquestra. A estatua anima-se; o corpo e a vestimenta de João Caetano tomam as cores naturais.)*

Tribofe. - Oh! prodígio!

João Caetano, *distendendo os membros.* - Ah! isto agora é outra coisa! *(Salta do pedestal e vem ao Proscênio.)* Como me sinto leve!... - Vamos lá! mostrem-me o que houve de mais notável nos nossos teatros durante o ano!

Frivolina. - Atenção! lá vem o Tio Gaspar.

João Caetano. - Que Tio Gaspar?

Frivolina. - Dos *Sinos de Corneville.*

CENA II

Os mesmos, 1.º Gaspar, *depois, sucessivamente,* 2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º Gaspar, *depois mais quatro* Gaspares.

1.º Gaspar, *entrando da direita*

Germana estava fechada,
Mas acaba de fugir!

2.º Gaspar, *entrando da esquerda*

Pela janela a malvada
Se conseguiu evadir!..

3.º Gaspar, *entrando da direita*

Este pau quebro nas costas
Daquele que a defender!

4.º Gaspar, *entrando da esquerda*

Muito embora, feito em postas,
Eu cuide aqui de morrer!

5.º Gaspar, *saindo de trás do pedestal da, estátua*

Digue, digue, digue!
Digue, digue, dom!
Toca, toca, toca!
Faze ouvir teu som!

6.º Gaspar, *saindo da cúpula do ponto*

Digue, digue, digue!
Digue, dique, digue!
Digue, digue, dom!...
Toca, toca, toca!
Faze ouvir teu som!

(Aparecem mais quatro Gaspares de diversos lados.)

Todos

Digue, digue, digue, dom!
Digue, digue, digue, dom!

João Caetano. - Mas que é isto?! Os senhores são tantos?!

1.º Gaspar. - Ah! senhor bailio... Este foi o ano dos Gaspares... Houve-os em todos os teatros, nacionais e estrangeiros, e para todos os gostos.

Tribofe. - E estão aqui todos os Gaspares?

1.º Gaspar. - Todos. Só falta o que tinha sido deportado e voltou agora da Europa. *(Os Gaspares saem cantando e dançando.)*

Tribofe. - Deixem lá! É muito Gaspar!

Frivolina. - O que abunda não prejudica. - Ah! vem ai o grande sucesso do ano: *Frei Satanás!*

CENA III

Tribofe, Frivolina, João Caetano, Frei Satanás.

Frei Satanás, *entrando.* - Meus senhores...

COPLA

Eu sou Frei Sata, Satanás,
Que aqui tem dado sota e ás!

Todos

Eu sou Frei Sata, Satanás,
Ele é Frei Sata, Satanás,
Que aqui tem dado sota e ás!

Frei Satanás

Em poucos meses
Mais de cem vezes
Brilhou no palco a luz do gás.
Mas sempre novo
Parece ao povo
Frei Sata, Sata, SatanÁs!.

Todos

Eu sou Frei Sara, Satanás,
Ele é Frei Sata, Satanás,
Que aqui tem dado sota e ás!
Em poucos meses etc.

(Sai Frei Satanás.)

Frivolina. - Este frade diabólico ainda uma vez veio provar que no teatro mais vale cair em graça do que ser engraçado.

João Caetano. - Mas vejo que não me apresentam nenhuma peça nacional!

Frivolina. - Nenhuma tivemos durante o ano... Isto é, houve duas revistas: *O Grude,* que aguou na primeira noite...

Tribofe. - Não falemos de coisas tristes!

Frivolina. -... e a *Viagem ao Parnaso,* que não fez sucesso.

Tribofe. - Pois eu gostei muito do Brandão. *(Imita o ator Brandão na* Viagem ao Parnaso.)

"Eu sou filho de Júpiter!
O grande Apolo sou!
Na ponta, na pontíssima
Eternamente estou!"

Frivolina. - Em compensação, tivemos três óperas brasileiras!

João Caetano. - Três óperas brasileiras?! Bravo!...

Frivolina. - *Bug-Jargal, Carmosina* e *Condor*. Ei-las!

CENA IV

Tribofe, Frivolina, João Caetano, Bug-Jargal, Carmosina, Condor.

CANTO

As três óperas

Aqui estamos três óperas líricas,
Nacionais, se nos fazem favor!
Aqui estamos três óperas, cáspite!
Bug-Jargal; Carmosina e *Condor!*

Carmosina

Por bastante esbodegada
Eu, coitada! De ninguém me fiz louvar!
Uma peça mal montada,
Mal cantada,
Não se pode sustentar!

Bug-Jargal

Eu passei despercebido,
Sem ruído;
Não chamei as atenções,
Porque estava mal sabido,
Malvestido,
Posto em cena aos trambolhões!

Condor

Entre os mais ilustres nomes,
Carlos Gomes
Glória e fama goza aqui;
Mas... que querem que eu lhe faça?...
Foi desgraça
Ter escrito *O Guarani*...

Bug-Jargal

O libreto meu é péssimo!

Carmosina

Pois o meu não é melhor!

Condor

O meu é mesmo um escândalo!
O meu é muito peior!

As três óperas

Se nós tivéssemos
Libretos que não fossem péssimos,
Conseguir agradar talvez pudéssemos!

(Saem dançando.)

João Caetano. - Coitadinhas! - E não houve outras óperas novas?

Frivolina. - Houve, sim, senhor: a *Cavalleria Rusticana* e a *Dona Branca*.

Tribofe. - Oh!... a *Cavalleria Rusticana* é um primor, que tem sido consagrado em quase toda a Europa!

Frivolina. - E a Theodorini é uma Santuza esplêndida!

João Caetano. - E a *Dona Branca?*

Frivolina. - Coitada! Ela ai vem. Interrogue-a.

(Entra Dona Branca. O pequeno dialogo que se segue é meio cantado, com acompanhamento de orquestra.)

CENA V

Tribofe, Frivolina, João Caetano, Dona Branca.

Dona Branca

Oh, sorte desgraçada! Oh, fado ímpio!

João Caetano

Que foi que aconteceu, minha senhora?

Dona Branca

Passar não pude do primeiro ato!

João Caetano

Por quê? Por quê?

Dona Branca

Assim o quis o público.

As culpas tive que pagar da empresa!

Tribofe

Muito tribofe a empresa havia feito!

Dona Branca

Eu merecia ser mais bem tratada;
De um poema de Garrett fui extraída,
E um bom compositor me pós em música.

Frivolina

Chore na cama, que é lugar bem quente.

Dona Branca

Isso é que vou fazer! Oh, sorte ímpia!

(Sai.)

Tribofe. - Na verdade, é uma sensaboria ser bonita, simpática, vir ao Rio de Janeiro, e não ser cantada!

João Caetano. - Ou ser... e não passar do 1.º ato...

CENA VI

Tribofe, Frivolina, João Caetano, Companhia Lambiasi, Companhia Gargano, Companhia Maresca.

As três companhias, *entrando alegremente*. - Evviva! Evviva! Salute, signori miei!

Canto

In questa bella città,
Ove venute noi siamo,
Si trova ospitalità
E de nato guadagniamo!

Frivolina. - Viva! Como vêm alegres!

Tribofe. - Ah! Isto sim!...

João Caetano. - Com quem tenho a honra de falar?

As três companhias, *falando no mesmo tempo*. -Siamo tre compagnie italiane di opere-comiche e di operette... La compagnia Lambiasi, la compagnia Gargano e la compagnia Maresca.

Tribofe. - Fale cada qual por sua vez.

Companhia Gargano. - Siamo tre compagnie italiane di opere-comiche e di operette: Io sono la compagnia Gargano!

Companhia Maresca. - Io sono la compagnia Maresca!

Companhia Lambiasi. - Io sono la compagnia Lambiasi, ma me ne vado via, perche non c'è posto per tante compagnie! *(Sai.)*

Frivolina. - Sim, não há lugar para tantas.

Tribofe, a *Companhia Gargano*. - Parlate voi.

Companhia Gargano. - lo sono la migliore compagnia italiana di opere-comiche e di operette che si sia presentata in questa città! Ho portato *Una notie in Venezia*.

Companhia Maresca. - Il mio repertorio è molto migliore. Ho portato *I Granatieri!*

Companhia Gargano. - Ho portato *Una notte in Venezia!*

Companhia Maresca. - Ho portato *Lo zingaro barone!*

Companhia Garg ano. - Ho portato *Una notte in Venezia!*

Companhia Maresca. - Ho portato *Gasparone!*

Companhia Garga no. - Ho portato... *Una notte in Venezia!*

Companhia Maresca. - Ho portato *La guardia notturna!*

Companhia Gargano. - Ho portato...

Tribofe, *interrompendo-a*. - *Una notte in Venezia?*... Boa noite! *(A Companhia Gargano foge.)*

Companhia Maresca. - Voglio farvi sentire un pezzo dei *Granatiere*.

COPLA

Generale, questo cor,
Ahimè!
Sará spento daí dolor,
Perchè
Schiavo egli é d'amor! -
Un simpatico uffizial
D'amar
Mi s'impon; ma, general,
Sposar
Vorrei un caporal!
- Ma al cor non si può commandar!

Basta a me un caporal
Gagliardo, pien di grazia e di valor;
Che me fa inebriar la mente e il cor!

(A Companhia Maresca sai dançando.)

CENA VII

Tribofe, Frivolina, João Caetano, Desiré.

Desiré, *que entra, vestido de cozinheiro.* - Pobrezinha! vou matá-la com a minha companhia de opereta francesa!

Tribofe. - Encontrei hoje um dos artistas na Rua do Espírito Santo. Dei-lhe um nickel. Tomei-o por um mendigo.

João Caetano. - Então também o senhor tem uma companhia de opereta?

Desiré. - Sim, senhor.

Frivolina. - E para onde vai ela?

Desiré. - Para o Lucinda.

Tribofe. - Desaloja Sardou e Dumas Filho!...

Desiré. - Ia para a Maison Moderne... mas o teatro não ficou pronto.

Frivolina. - Que teatro?

Desiré. - *Parbleu!* o teatro da Maison Moderne!

Tribofe. - Daqui a nada o Stadt Koblenz tem um circo!

Desiré. - Cá está o *menu.*

João Caetano. - O *menu?*

Desiré. - Quero dizer, o repertório. E *splendide! La Soupe* a *l'Oignon, pochade* em um ato. *Beefteck aux pommes,* opereta em dous atos. *Porção sortida, vaudeville* em três atos. *Uma pá do gelo,* grande *pièce à spectacle* em quatro atos... *Le...*

Frivolina, *interrompendo-o.* - Silêncio! Vem aí um grande artista!

João Caetano. - Quem?

Frivolina. - O Visconti! E o grande acontecimento teatral de 1891! *(Ouvem-se vozes.)* Ouçam como o povinho o aclama! ...

CENA VIII

Os mesmos, Visconti e muitos admiradores, *que o trazem em triunfo.*

Coro de admiradores
Eis o Visconti, famoso
Talento descomunal,
Que no gênero jocoso
Não tem no mundo rival!
Demos palmas ao gênio imortal!

(Ruidosa salva de palmas.)

Visconti

Do gosto fluminense
O ideal sou eu!
Esta terra me pertence!
Este povo é todo meu!
Cheguei, cheguei, cheguei!
Venci, venci, venci!
Que bom povo aqui topei!
Outro povo assim não vi!...
Que bom povo aqui topou!
Este povo é todo seu!

Coro

Chegou, chegou, chegou!
Venceu, venceu, venceu!
Que bom povo aqui topou!
Este povo é todo seu!

João Caetano. - Mas, por fim de contas, quem é esta senhora?

Visconti. - Senhora, não senhor; senhor. Só me visto de mulher para trabalhar. Sou um excêntrico.

João Caetano. - Mas em que consistem as suas excentricidades?

Visconti. - Canto cançonetas em falsete, imito o zumbido da mosca e toco piano de costas.

João Caetano. E é o primeiro acontecimento teatral do ano! Saia, saia de minha presença!...

Visconti. - Está doido!

João Caetano. - Ah! não quer sair?... Pois vou atravessá-lo com a espada de Oscar, filho de Ossian! *(Corre para ele. Visconti sai, correndo. João Caetano sai perseguindo-o.)*

Coro

Salvemos o famoso
Artista sem rival,
Pois que o outro furioso
Bem lhe pode fazer mal!

CENA IX

Tribofe, Frivolina, João Caetano, Desiré, *depois o* Câmbio.

Tribofe. - E a estátua? Vão dar por falta dela!

Frivolina. - Não te incomodes! Olha! *(Agita a varinha. Forte na orquestra. A estátua reaparece.)* Vês? Lá está João Caetano restituído ao seu glorioso pedestal!

(Música.)

Tribofe. É ele...

O Câmbio, *entrando da esquerda.*

Mim ser o Câmbia,
Bem alta estar,
Mas desconfia
Que vai baixar...

(Sai pela direita.)

Frivolina. - Aonde irá ele a estas horas?

Tribofe. - Não sei... Vai na direção do Tesouro. E nós? Vamos ceiar?

Frivolina. Está dito!

Tribofe. Ó Desiré, venha dai servir-nos uma ceia em dous atos... quero dizer - dous pratos.

Frivolina. Com música do maestro Chateau La-Pipe.

Desiré. - Pronto! *(Saem. Mutação.)*

QUADRO DECIMO

A mesma cena do quadro III, mas sem o mesmo movimento. De vez em quando passa alguém.

CENA PRIMEIRA

Castelvecchio, 1.º Zangão, 2.º Zangão. *(Castelvecchio tem nas mãos uma balança e uma grande ruma de papéis.)*

CANTO

Castelvecchio e os Zangões.
Infeliz Encilhamento,
Quem te vê e quem te viu!
Ouro, brilho e movimento,
Tudo agora se sumiu!
O fado te foi contrário,
A sorte não te quis bem!
És um campo solitário
Onde a desgraça nos tem?
Quando a fortuna sorria,
Tu foste um ninho de heróis...
Encilhamento, hoje em dia
Não vales dous caracóis!

Castelvecchio, *declamando*. - Vejam os senhores... Cantamos um terceto, porque no Encilhamento não há gente para um coro...

Castelvecchio. - Vamos, vamos tratar da vida, se é que a isto se pode chamar vida! Há um mês que não faço para o bonde!

1.º Zangão. - Ninguém compra!

2.º Zangão. - Ninguém vende!

1.º Zangão - Vou almoçar; vens?

2.º Zangão. - Vou. Ao menos valha-nos isso. *(Saem)*

Castelvecchio, só. - Que vou eu fazer de toda esta papelada?

CENA II

Castelvecchio, Dona Fortunata, Quinota, Juca.

Castelvecchio, *dirigindo-se a Dona Fortunata*. Minha senhora, quer talvez algumas das famosas *debentures*...

Dona Fortunata. - Não, sinhô. Castelvecchio, *mostrando a papelada e a balança*. - Na minha mão as encontra mais barato que noutra qualquer parte. Vendo-as a quinze mil-réis o kilo... e bem pesado.

Dona Fortunata. - Não, sinhô.

Castelvecchio. - Em porção faço abatimento.

Dona Fortunata. - Já le disse que não quero, oh!...

Castelvecchio. - Isto é um grande papel, minha senhora!

Quinota. - Não insista: perde o seu tempo. *(Castelvecchio afasta-se.)*

Castelvecchio, *apregoando*. - Olha as *debentures* da Geral! Faz-se abatimento em porção!

Quinota. - São os tais papéis em que Seu Gouveia tinha tanta fé... Veja que já são vendidos a peso!

Dona Fortunata. - Não me fala de Seu Gouveia... Há oito dia não nos aparece; é verdade!... Fez como teu pai, aquele maluco, que perdeu a cabeça e ninguém sabe onde se meteu! Felizmente tinha me deixado dinheiro para as despesa!

Juca. - Eu quero andá!

Dona Fortunata. - Vamo, diabo de menino, vamo!... Que pena o colégio tê se fechado!... A gente não vai hoje pra casa sem tê encontrado um dos dous, ou Seu Eusébio ou Seu Gouveia.

Quinota. - Seu Gouveia, esse talvez esteja na Rua da Alfândega. Vamos por aqui. *(Saem.)*

CENA III

Ernestina, *de braço dado a* Cazuza.

Cazuza. - Este lugar é muito perigoso! Tenho medo de encontrar titio, que anda sempre aqui pela Rua Direita.

Ernestina. - Mas eu é que já te não largo! Hás de ir comigo para casa!

Cazuza. - Nada! E se lá estiver o tal Eusébio? O diabo do matuto esta manhã quase me vai ao pêlo!

Ernestina. - Descansa... Ele lá não está, nem nunca mais lá irá.

Cazuza, *contente*. - Deveras?

Ernestina. - Está despedido.

Cazuza. - Ah!

Ernestina. - De hoje em diante aquela casa é tua.

Cazuza. - Oh!

Ernestina. -Oui... porque és tu que eu amo... é a ti que eu prefiro, a ti, que és moço e bonito!

Cazuza. - Tenho apenas vinte anos.

Ernestina. - Vinte anos! Quem me dera a tua idade! Já fiz vinte e três. *(À parte.)* Il y a longtemps!

COPLA

Vinte anos, quadra risonha,
Da vida tímida flor,
Idade em que mais se sonha,
Formosa estação de amor!
Por ti eu padeço e choro...
Tem compaixão de meus ais!
Querido, como te adoro!...

(À parte.)

E ao teu dinheiro inda mais...

Cazuza. - Vamos para casa.

Ernestina. - Sim, mas pela Rua do Ouvidor. Quero passar pela casa do Farani. Estou namorando um par de bichas!

Cazuza. - Hás de mostrar-mas. (À *parte.)* Vou fazer-lhe uma surpresa!

Ernestina. - Vai adiante; olha que podemos encontrar teu titio.

Cazuza. - Tens razão.

Ernestina, *a parte.* - Ce serait dommage!

Cazuza. - Espero-te parado defronte da vitrine... assim... como quem não quer a coisa... (À parte.) Como esta mulher me ama!... *(Sai. Entra Gouveia sem ver Ernestina, que vai saindo. Traz o fato velho, as botas rotas, a barba por fazer, um aspecto geral de miséria e de desânimo.)*

Ernestina, *saindo, à parte.* - Oh! pauvre Gouveia! Il n'a plus le sou! *(Sai.)*

CENA IV

Gouveia, *depois* Pinheiro.

Gouveia, *vindo ao proscênio.* - Ninguém acreditará que eu, ainda há seis meses, tivesse jóias e carruagens, e hoje não tenha dinheiro nem crédito para comprar um par de botinas! Há oito dias não vou à casa de minha noiva, porque tenho vergonha de lhe aparecer neste estado! Malditas *debentures!*

Pinheiro, *aparecendo.* - Oh, Gouveia, como vai isso?

Gouveia. - Mal, meu amigo, muito mal.

Pinheiro. - Mas que quer isto dizer? Não pareces o mesmo! Tens a barba crescida, a roupa no fio... Desapareceu do teu dedo aquele esplêndido e escandaloso farol, e tens umas botas que parecem rir da tua esbodegação!

Gouveia. - Fala à vontade! Eu mereço os teus remoques.

Pinheiro. - E dizer que no começo deste ano quiseste pagar com juros de trezentos por cento cinco mil-réis que eu te havia emprestado!...

Gouveia. - Por sinal que me disseste, creio, que esses cinco mil-réis ficavam às minhas ordens...

Pinheiro. - E ficaram. *(Tirando dinheiro do bolso.)* Cá estão eles. Mas como um par de botinas não se compra com cinco mil-réis, aqui tens vinte... sem juros. Pagarás quando puderes. *(Dá-lhe dinheiro.)*

Gouveia. - Obrigado, Pinheiro! bem se vê que tens uma grande alma, e que não compraste *debentures!*

Pinheiro. - Achei que era muita mecha por dez réis. Adeus, Gouveia, aparece... Agora, que estás pobre, isso não te será difícil... *(Sai.)*

CENA V

Gouveia, *depois* Eusébio.

Gouveia, só. - Como este tipo faz pagar caro os seus vinte mil-réis! Pode lá haver juro mais pesado! Ah! ele apanhou-me descalço... Enfim, vamos lá comprar as botinas! *(Vai saindo, e encontra-se com Eusébio, que entra cabisbaixo.)* Oh! o Senhor Eusébio!...

Eusébio. - Andava le precurando.

Gouveia, *atrapalhado* . - Sim... eu... *(À parte.)* Como está sentido! Vai falar-me de Quinota.

Eusébio. - O sinhô vai ficá admirado. Hoje de menhã encontrei ela beijando um mocinho!

Gouveia. - Hein?

Eusébio. - É levada do diabo! Eu não sei como o sinhô poude gostá dela! ...

Gouveia. - Ora essa! a ponto de querer casar-me!

Eusébio. - Home, dessa não sabia eu!... Mas olhe que era uma burrice!

Gouveia. - Custa-me crer que ela...

Eusébio. - Pois creia! Beijando um mocinho, um pelintreca, Seu Gouveia! Beijo que se ouvia na rua! Veja o sinhô de que serviu gastá tanto dinheiro co'ela!...

Gouveia. - Sim, o senhor educou-a tão bem... ensinou-lhe tanta coisa...

Eusébio, *vivamente*. - Não, sinhô! Não ensinei nada! Ela já sabia tudo! O sinhô, sim! Se alguém ensinou foi o sinhô e não eu! *(Passando.)* Beijando um mocinho, Seu Gouveia!...

Gouveia. - Dona Fortunata não viu nada?

Eusébio. - Como é que havera de vê! Pobre Dona Fortunata! E a outra que se fique co'tá pilintreca! Eu lá não vorto!

Gouveia. - Não volta! Ora esta!

Eusébio. - Não quero mais sabê dela!

Gouveia. - O senhor deve lembrar-se que é pai.

Eusébio. - E uma rezão para não querê mais sabê daquele diabo! Ah! Seu Gouveia, se arrependimento sarvasse... Bom, eu andava le precurando pra me apadrinhá... Não me astrevo a entrá em casa sozinho despois de tantos dia de osença!

Gouveia. - Em casa?! Mas o senhor não me acaba de dizer que lá não volta porque Dona Quinota...?

Eusébio. - Quem le falou de Quinota?

Gouveia. - Quem foi então que o senhor encontrou aos beijos?

Eusébio. - A madama!

Gouveia. - Dona Fortunata?

Eusébio, *furioso.* - Minha muié!... O sinhô está doido!...

Gouveia. - Desculpe... é que, geralmente, o homem casado que se refere à sua esposa, diz "a madama". *(Com uma idéia.)* Ah! Agora percebo! Foi a francesa!

Eusébio. - Pois quem havera de sê!

Gouveia. - Nem me lembrava da existência dela! E eu que supus... Perdoa, Quinota, perdoa!... Vamos, vamos, Senhor Eusébio... Eu o apadrinharei, mas com uma condição: o senhor por seu turno me há de apadrinhar a mim, porque eu também não apareço à minha noiva há muitos dias.

Eusébio. - Por quê?

Gouveia - Em caminho tudo lhe direi. (À *parte.)* Aceito o conselho de Quinota: abro-me! *(Alto.)* Tenho ainda que comprar um par de botinas e fazer a barba.

Eusébio. - Vamos, seu Gouveia! *(Saem.)*

CENA VI

Tribofe, Frivolina, *depois o* Câmbio, *depois o* Delegado.

Frivolina, *entrando.* - Dissolvido o Congresso!

Tribofe, *entrando*. - Suspensas as garantias!

Frivolina. - A Capital em estado de sitio!

Tribofe. - A Praia Grande *idem!* Sim, senhor: isto é que é tribofe, e o mais são histórias! Menina, vamos comprar ações do Banco da República. É o conselho que me deu um dos membros da Junta Fiscalizadora.

Frivolina. - Nada! é melhor ver em que param as modas. *(Música.)*

Tribofe. - É ele! Já cá tardava!...

O Câmbio, *entrando*.

Mim ser o Câmbia,
Bem alta estar,
Mas desconfia
Que vai baixar...

(Sai.)

Frivolina. - Pois ele terá ainda a pretensão de baixar?

Tribofe. - Tudo baixa... à exceção do obituário... e...

Frivolina. - Cala-te!

Tribofe. - Por quê?

Frivolina. - É ele!

Tribofe. - Ele quem?

Frivolina. - O terrível delegado da ditadura!

O delegado, *entrando, com um saco vazio na mão*. - Vêem este saco? Está vazio...

Tribofe, *à parte*. - Temos mágica!

O delegado. - Está vazio, mas já esteve cheio!

Frivolina. - De quê?

O delegado. - De rolhas! Arrolhei tudo!...

COPLAS

I

O delegado iracundo
Da ditadura aqui está,

Pronto a prender todo o mundo
Da Gávea até Paquetá!
Treme o moço e treme o velho,
Vendo ao longe flamejar
Meu apêndice vermelho,
Minha prenda capilar!

II

Nesta lida intemerata
Alto valor mostrarei:
Quando o barão disser: - Mata!
- Eu - Esfola! - bradarei!
Por isso, folha por folha
Eu há pouco percorri,
E prontamente uma rolha
Em cada boca meti!

(Sai.)

CENA VII

Tribofe, Frivolina, o Banqueiro.

Tribofe. - Olhem quem ele é! Venha cá, não tenha tanta pressa! Fale com os pobres!

Frivolina. - Julguei que estivesse em viagem para as Européicas.

O banqueiro. - Devia estar, mas não me deixaram partir..

Tribofe. - Por quê?

O banqueiro. - Cá por coisas...

Frivolina. - Que me diz de tudo isto?

O banqueiro. - Não digo nada... As garantias estão suspensas... Não posso falar...

Frivolina. - Que diabo! há coisas de que o povinho há de sempre falar, haja quantas ditaduras houver... Por exemplo: os direitos em ouro... o contrato das carnes...

Tribofe. - ... o pão em pílulas...

Frivolina. - ... os barulhos da Estrada de Ferro...

O banqueiro. - Nada! falemos da penhora do Consulado Português... do eclipse... do balão de onze metros que pegou fogo... *(Arrependendo-se.)* Não! o balão já é um assunto político... *(Consultando o relógio e dando um pulo.)* Oh! diabo! estou entre dez e as onze! Vou à Rua do Lavradio! *(Sai correndo.)*

CENA VIII

Tribofe, Frivolina, 1.º filantropo, 2.º filantropo.

CANTO

1.º filantropo

Tenho uma alma bem formada!
Vou gastar alguns bons cobres,
Pra que tenham feijoada
Sete mil famílias pobres!

2.º filantropo

Vosmecê, meu amiguinho
Esqueceu-se do toucinho;
Mas à minha feijoada,
Há de ver, não falta nada!

Frivolina

A feijoada dos fluminenses
Deve ter todos os seus pertences.

Tribofe

A carne-seca deve estar boa,
E o belo paio ser de Lisboa!

Frivolina

Cabeça de porco
Dá graça ao feijão...
Banana cozida,
Pimenta e limão!

Tribofe e Frivolina

Outra farinha não haja
Senão a de Suruí,
E no final não se esqueçam
Do parati

Os quatro

Outra farinha não haja etc.

1.º filantropo. - Venha, colega. Quero levá-lo a admirar a minha apoteose. que está na Sapataria Moncada.

Frivolina. - Bravo! Vossa Excelência tem uma apoteose em vida!

1? filantropo. - Entendamo-nos. A minha apoteose é a apoteose de Hahnemann.

Tribofe. - Ann...

1.º filantropo. - A apoteose da Homeopatia! Uma tela que comprei por vinte contos de réis fortes.

2.º filantropo. - Vinte contos fortes! Por quê?

1.º filantropo. - Por ser obra do Porto. Se mais pedissem, mais eu daria.

Tribofe. - O quadro é assim tão bom?

1.º filantropo. - Não sei se é bom; só sei que é grande, muito grande. Como já comprei por três contos um quadro deste tamanho *(Indica um quadro de dous palmos),* não acho muito dar vinte, embora fortes, por um daquelas dimensões! Estou com vontade de pedir ao mesmo artista que me pinte agora a apoteose da Alopatia.

Frivolina. - Mas veja se ele lhe arranja isso pela metade.

2.º filantropo. - Ou se lhe paga em *debentures...*

1.º filantropo. - Eu tenho por divisa não olhar a despesas!

Tribofe, *apertando-lhe a mão.* - Toque! assim é que se responde!

Frivolina. - Mas por que quer duas apoteoses tão contrárias?

1.º filantropo. - É porque tenho amigos que se tratam pela Homeopatia e amigos que se tratam pela Alopatia. Não quero que fique nenhum descontente. Ande dai, colega!

2.º filantropo. - Vamos lá. *(Saem os dous filantropos.)*

Frivolina. - Já via tal apoteose. E um horror! Eu não a queria de graça!

Tribofe. - Nesse caso, e uma vez que é tão grande, por que não manda ele distribui-la pela pobreza?

CENA IX

Tribofe, Frivolina, *O Tempo.*

Frivolina. - Olha *O Tempo!*

Tribofe. - Bravo! o Tempo novo e sem barbas!

O Tempo. - Pois não se diz que os tempos estão mudados?

Frivolina. - Mas como foi isto? Você escapou à rolha?

O Tempo. - Aconteceu-me peior: fui suspenso!

Tribofe e Frivolina. - Suspenso?!

O Tempo. - Sim, meus amigos, e o meu eclipse coincidiu com o da lua. Entrámos na penumbra quase ao mesmo tempo.

LUNDU

I

Meu Deus!
Amigos meus,
Suspenso fui,
Ui!
Olá!
Que gente má!
Peior não há,
Nem haverá!
Em prosa macia,
De estilo pacato,
Escrevi um artigo
Patriota e sensato,
Que não merecia
Tanto espalhafato,
Tão severo castigo
Nem tão grande aparato!
A liberdade da imprensa
Morreu às mãos de um barão,
Pois uma folha é suspensa,
E não se sabe a razão!

II

Verão Que a suspensão
Ser boa vai,
Ai!
Olé!
Pois tenho fé
Que tomo pé
Co'este banzé!
Sofri um vexame,
Passei por suspeito,
Mas de tudo isto espero
Me utilizar com jeito...
Tão bela reclame
De certo aproveito,
E já me considero
Agora um jornal feito!
A liberdade da imprensa etc.

Bom! Adeus! Quando quiserem, apareçam para jantar... Continuo a ter invariavelmente à minha mesa leitão e carneiro.

Tribofe. - São duas petisqueiras. Adeus! estimo que quanto antes saia da penumbra! *(O Tempo sai.)*

Frivolina. - São horas de fazermos também eclipse, Seu Tribofe. - Está concluída a revista fluminense dos acontecimentos de 1891.

Tribofe. - Eu volto à minha personalidade de naturalista russo.

Frivolina. - E eu aos intermúndios da fantasia!

Ambos. - Minhas senhoras... meus senhores... Não faltem amanhã, às mesmas horas. *(Cumprimentam e saem.)*

CENA X

A Varíola, *depois a* Febre Amarela.

Varíola, *entrando da esquerda, com preparos de viagem.* - Já está muito calor... É tempo de me pôr ao fresco. *(Vai saindo, e encontra-se com a Febre Amarela, que entra da direita, também com preparos de viagem.)* Oh, Febre Amarela! Chegas agora?

Febre Amarela. - É verdade.

Varíola. - E eu parto.

Febre Amarela. - Venho substituir-te. *(Apertando-lhe a mão.)* Foste feliz?

Varíola. - Felicíssima!

Febre Amarela. - Que tal a Inspetoria de Higiene.

Varíola. - Boa.

Febre Amarela. - E a Intendência Municipal?

Varíola. - Ótima.

Febre Amarela. - Ainda bem! Até a vista!

Varíola. - Sê feliz! *(Apertam-se as mãos e saem, a Febre Amarela pela esquerda e a Varíola pela direita.)*

CENA XI

A Imprensa, *depois* a Legalidade.

(Entra a Imprensa com uma enorme rolha na boca. Cena muda. A Imprensa exprime por gestos que não pode falar. Desespera. Afinal vê a Legalidade, que entra, e lança-se-lhe nos braços.)

A Legalidade. - Pobre Imprensa!... - Arrolhada!... Eu sou a Legalidade, e posso servir-te de saca-rolhas. *(Arranca-lhe a rolha da boca.)*

A Imprensa, *furiosa*. - Tiranos! patifes! déspotas! velhacos! insolentes! Deixem estar que eu lhes vou mostrar para que presto!...

A Legalidade. - Isso!... berra à vontade!

A Imprensa. - Vou soltar a língua aos quatro ventos! Tiranos! déspotas! criminosos! doidos! súcia de tratantes! *(Sai, vociferando sempre.)*

A Legalidade. - Ai vem a minha milícia! O Batalhão Tiradentes!...

(Entrada do Batalhão Tiradentes.)

CORO

Empunhando estas espadas,
Demos toda a nossa vida
Pela pátria estremecida,
Ó camaradas!
Arrojados e valentes,
Neste instante de ventura
Invoquemos a figura
De Tiradentes!

(Evoluções. Mutação.)

QUADRO UNDECIMO

Sala baixa e estreita na casa ocupada por Eusébio e sua família. Uma porta de cada lado da cena.

CENA PRIMEIRA

Dona Fortunata, *depois o* Senhorio.

(Ao levantar o pano ouve-se bater palmas.)

Dona Fortunata, *entrando da direita*. - Entre quem é.

O Senhorio, *entrando da esquerda*. - Sou eu, minha senhora. Cá está o recibo do mês passado. *(Dá-lhe o recibo.)*

Dona Fortunata. - Já le esperava. O sinhô é infalive no dia premeiro. *(Tira do bolso dinheiro e dá-lho.)*

O senhorio, *depois de contar*. - Cem mil-réis. Está exato. *(Guardando o dinheiro.)* Previno-a, minha senhora, que de hoje em diante à casa pagará mais dez mil-réis por mês.

Dona Fortunata. - O quê! Ainda um omento?! O sinhô tem omentado todos os mês!...

O senhorio. - Não a obrigo a ser minha inquilina. Há muito quem queira. Eu acho por esta casa cento e vinte cinco mil-réis a olhos fechados!

Dona Fortunata. - E até onde pode chegá! Uma casa destas cento e dez mi-réis!

O senhorio. - E dê-se por muito feliz. Passar bem, minha senhora! *(Sai.)*

Dona Fortunata. - Adeus, Seu. O que vale é que é por pouco tempo.

CENA II

Dona Fortunata, Juca, *depois* Quinota.

Juca, *entrando a correr*. - Mamãe! mamãe! Papai tá aí!

Dona Fortunata. - Tá ai?

Juca. - Eu encontrei ele ali no canto, e ele me disse que viesse vê se vosmecê tava zangada, que se tivesse ele não entrava.

Dona Fortunata. - Aquele home é os meus pecado! Vai dizê a ele que não tou zangada.

Juca. - Seu Gouveia tá junto co'ele.

Dona Fortunata. - Bem! venhum todos dous.

Uucasaz correndo.) Quinota! Quinota! A voz de Quinota. - Senhora?

Dona Fortunata. - Vem cá, minha filha. - Eu não ganho nada me encanzinando. Já tou velha; não quero me amofiná. *(Entra Quinota.)* Quinota, teu pai vem aí, e para que ele não torne outra vez a se osentá de casa, amenhã de menhã vamos embora.

Quinota. - E Seu Gouveia?

Dona Fortunata. - Seu Gouveia também vem aí.

Quinota, *contente*. - Ah!...

Dona Fortunata. - Não quero mais ficá numa terra onde os marido passa noites e noite fora de casa e os senhorio omenta os alugué todo os mês!

CENA III

Dona Fortunata, Quinota, Juca, Eusébio, *depois* Gouveia.

Juca. -Tá aí papai!

Eusébio, *da porta*. - Posso entrá? Não temo briga?

Quinota. - Estando eu aqui, não pode haver brigas.

Dona Fortunata. - Sim, minha filha, tu é o anjo da paz.

Quinota, *tomando o pai pela mão.* - Venha cá. *(Tomando Dona Fortunata pela mão.)* Vamos! abracem-se!

Dona Fortunata, *abraçando-o.* - Diabo de home véio sem juízo!

Eusébio. - Rae, rae, Dona Fortunata! Rae, mas não se azangue'

Dona Fortunata. - Pai de filha casadeira!

Eusébio. - Tá bom! tá bom! Pormeto me emendá! Mas deixe le dizê...

Dona Fortunata. - Não! não diga nada, não se defenda! E mió que as coisa fique como está!

Juca. - Seu Gouveia tá no corredô!

Quinota. - Ah! *(Vai buscar Gouveia pela mão. Gouveia entra manquetando.)*

Eusébio. - Assim é que o sinhô me apadrinhou?

Gouveia. - Deixe-me! estas botinas novas fazem-me ver estrelas!

Dona Fortunata. - Seu Gouveia, le. participo que amenhã de menhã estamo de viage.

Eusébio. - Já conversei co'Seu Gouveia.

Gouveia, *a Quinota.* - Eu abri-me...

Eusébio. - Ele vai c 'a gente; não tem que fazê aqui. Tá na pindaíba, mas é o memo. Casa com Quinota e fica sendo administradô da fazenda. Arranjo outra coisa para Seu Borge.

Quinota. - Ah! papai! quanto lhe agradeço!

(Beija-o.)

Juca. - A Benvinda tá *aí.*

Todos. - A Benvinda!

Dona Fortunata. - A Benvinda! Não quero vê ela!... *(Quinota vai buscar Benvinda, que entra, a chorar, vestida como no primeiro quadro.)*

CENA IV

Os mesmos, Benvinda.

Benvinda, *de olhos baixos.* - Tou muito arrependida! Não valeu a pena!

Dona Fortunata. - Rua, sua desavergonhada!

Eusébio. - Tenha pena da mulata!

Dona Fortunata. - Rua!

Quinota. - Mamãe, lembre-se de que eu mamei o mesmo leite que ela.

Dona Fortunata. - Este diabo não tem descurpa! Rua!...

Gouveia. - Não seja má, Dona Fortunata... Ela também apanhou o micróbio da pândega...

Dona Fortunata. - Pois bem... mas se não se comportá direito... Vai lá pra dentro! *(Benvinda sai.)*

Eusébio, *baixo a Dona Fortunata.* - Há de casá co Seu Borge, que morre por ela... *(À parte.)* E o boiadeiro suspendeu c'os meus duzento mi-réis e não tomou nada!...

Dona Fortunata. - Vamo jantá!

Todos. - Vamos! *(Saem Juca, Eusébio e Dona Fortunata. Quinota vai saindo e Gouveia puxa-a pelo braço.)*

CENA V

Gouveia, Quinota.

Gouveia. - E o *couplet* final?

Quinota. - As revistas de ano nunca terminam com um *couplet,* mas com uma apoteose. *(Vindo ao proscênio.)* Minhas senhoras e meus senhores, o autor quis manifestar o seu respeito por dous brasileiros ilustres falecidos em 1891... *(Apontando para o fundo)* Benjamin Constant e Dom Pedro de Alcântara! (Mutação)

QUADRO DUODÉCIMO

Apoteose.